

CONVERGÊNCIA

Outubro 2003 Ano XXXVIII nº 366

ISSN 0010-8162



- ◆ As Águas Batismais e a Vocação do Cristão Leigo
- ◆ Fome no mundo
- ◆ CRB: Jubileu de Ouro - 1954-2004 - Elementos para sua história
- ◆ Experiência Significativa: Salesianos (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e Leigos(as) Negros na Inspetoria São João Bosco (ISJB) - Brasil



CRB

Sumário

EDITORIAL	449
PALAVRA DO PAPA	453
INFORME CRB	457
ARTIGOS	459
As Águas Batismais e a Vocação do Cristão Leigo	459
MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER	
Fome no mundo	477
PE. BERNARDO LESTIENNE, SJ	
CRB: Jubileu de Ouro – 1954-2004 – Elementos para sua história	486
FRATER HENRIQUE MATOS	
Experiência Significativa: Salesianos (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e Leigos(as) Negros na Inspeção São João Bosco (ISJB) – Brasil	502
PE. JURANDYR AZEVEDO ARAUJO, SDB	

A ilustração da capa da Convergência 2003 é uma cópia da obra EMAÚS - serigrafia, do artista sacro Cláudio Pastro. O quadro chama atenção para a centralidade do seguimento de Jesus na Vida Religiosa e para a celebração do Ano Vocacional.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitória, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

Anual

para 2003

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 85,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8.50

Editorial



“O Senhor me abriu o ouvido” (Is 50,4)

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

Outubro costuma ser considerado o *mês das Missões*, ou seja, um tempo de refletir e de agir no sentido de renovar o compromisso evangelizador, constitutivo da vocação cristã. João Paulo II, na sua mensagem para o *dia mundial das missões* deste ano de 2003 (19 de outubro), insiste em que “o dever da animação missionária deve continuar a ser um compromisso sério e coerente de todo batizado e de toda comunidade eclesial”.

Na Igreja, a Missão é dimensão constitutiva e o empenho missionário, uma constante ao longo de sua história. Toda comunidade cristã vive precisamente a partir da experiência espiritual do seu “ser-radicalmente-enviada em missão ao mundo”. Como Jesus, o enviado do Pai, encontra nesse envio a razão de ser e a meta da sua vocação (Cf. Lc 4,18).

Essa auto-compreensão da Igreja a partir da missão como *radicalmente-enviada* em serviço ao mundo, bem como a re-interpretação da sua prática a partir dessa nova auto-compreensão têm como referencial teórico básico a

nova teologia da missão que vinha se gestando a partir das primeiras décadas do século XX e que encontrou forte ressonância no Vaticano II.

Efetivamente o Concílio, com sua eclesiologia do *Povo de Deus* (LG), com a ênfase que deu à *presença da Igreja no mundo* (GS), e com as *novas perspectivas de missão* que tratou de abrir (AG), colocou as bases para um repensamento da missão da Igreja no mundo moderno e pós-moderno. O documento de Paulo VI sobre a Evangelização (*Evangelii Nuntiandi*) confirmou e ampliou as perspectivas do Concílio. Posteriormente (1995), o documento “Diálogo e Anúncio” do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso avançou, abrindo perspectivas inéditas sobretudo em relação com o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Por sua vez, a Teologia pós-conciliar elaborou uma forte síntese das principais intuições conciliares e pós-conciliares sobre a Missão: – a origem trinitária da Missão; o Reino de Deus, (anunciado por Jesus Cristo e presente na his-

tória pela força do Espírito) como horizonte e meta do ser missionário da Igreja; o batismo como dom de salvação que convoca para a Missão; as diferentes dimensões da Missão: – anúncio; promoção da justiça; inculturação e presença profético-transformadora no mundo; diálogo inter-religioso; sensibilidade aos *Sinais dos Tempos*. Além de colocar em evidência que a missão é constitutiva do *ser* da Igreja, segundo a afirmação do Vaticano II: “A Igreja peregrinante é, por sua própria natureza, missionária, posto que toma sua origem da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o propósito de Deus Pai” (AG 2), essa reflexão fez crescer nas comunidades a consciência da sua responsabilidade evangelizadora e missionária.

Na América Latina, Medellín atuou como catalisador dessa reflexão e propulsor do dinamismo eclesial que a acompanhou. A ênfase que Medellín conferiu ao tema dos *sinais dos tempos* constituiu, no entender de alguns, um *novo paradigma* de missão, o *paradigma encarnatório*. A reflexão teológica e as novas práticas eclesiais dos anos subsequentes confirmaram tal paradigma. Em Puebla, a escandalosa pobreza no Continente foi vista como um dos mais claros *sinais dos tempos* que interpela a consciência cristã e a missão de toda a comunidade eclesial. A Opção Preferencial pelos Pobres consistiu precisamente num gesto eclesial visando responder a esse ingente desafio. Cresceu, desde então nas comunidades, a consciência de que a missão só se pode realizar na atenção humilde e corajosa

aos *sinais dos tempos*, numa constante interação com a realidade histórica.

Referindo-se à assimilação pela Vida Religiosa dessa nova forma de a Igreja se auto-compreender a partir da missão, a CLAR afirma num dos seus recentes documentos, que a missão constitui hoje a chave de compreensão do carisma da Vida Religiosa e que é cada vez mais viva a consciência de *ser-para-a-missão*; que foi uma nova consciência de missão e uma sensibilidade muito especial diante das suas exigências que motivaram e desencadearam o que há de mais significativo nos processos de mudança que se produziram na Vida Religiosa.

Neste início de milênio, a missão da Igreja está sendo profundamente interpelada pelos desafios que lhe advêm do contexto sócio-econômico e cultural, principalmente do agravamento do fenômeno da exclusão social, com suas causas perversas e seus desdobramentos ainda não de todo previsíveis, do recrudescimento da violência, inclusive de viés religioso, e das ameaças ao equilíbrio do meio ambiente em nível mundial.

Diante da magnitude de tais desafios e para não sucumbir à tentação do desalento, é preciso que as comunidades, atentas à voz do Espírito, tratem de captar e entender, nessa complexa realidade, os novos *sinais dos tempos*, para aprender a viver este momento histórico de “*kénosis*” como um novo “*kairós*”, ou seja, um tempo de despojamento e de autêntica esperança cristã, ajudando a manter acesa a chama da esperança dos pequenos e excluídos.

A imagem bíblica do Servo de Javé torna-se, aqui, extremamente atual e iluminadora: "O Senhor Javé me concedeu língua de discípulo para que possa levar uma palavra de alento ao que está cansado. Cada manhã desperta meu ouvido para escutar como os discípulos. O Senhor me abriu o ouvido e eu não resisti, nem recuei" (Is 50,4-5).

CONVERGÊNCIA deste mês de outubro leva às comunidades religiosas uma fecunda matéria de reflexão. Quer, assim, contribuir para uma vivência cada vez mais comprometida do seguimento de Jesus e do prosseguimento da sua missão, na realidade complexa e desafiadora de hoje.

O artigo "As Águas do Batismo e a Vocação do Cristão Leigo", de Maria Clara Luchetti Bingemer, é um excelente texto sobre o Batismo como fonte de todas as vocações. Para a autora, o tema e lema do ano vocacional "escolhidos pela CNBB com extrema acuidade e felicidade, nos remetem por extensão à questão igualmente central e complexa da vocação e missão do cristão leigo, que não cessa de ser colocada como interpelação perpessada de renovada força para toda a Igreja neste início de milênio". A reflexão sobre o batismo leva a autora a abordar a temática da água como símbolo de vida e morte, para, a partir daí, desenvolver a temática do batismo no Novo Testamento, ressaltando os vários significados que este rito da iniciação tem nos escritos neotestamentários. Usando a metáfora das *águas profundas*, delinea o atual panorama da situação dos leigos na Igreja, *navegando* com perícia e ousada intuição

pelas abordagens teológicas mais recentes. Propõe a santidade como utopia da vocação cristã, lembrando que "hoje não menos que ontem o cristão é chamado a viver sua vocação sempre mais no meio do mundo".

Bernardo Lestienne, sj, no seu artigo - "Fome no Mundo" - aborda com pertinência e objetividade crítica essa candente questão social do mundo de hoje, particularmente interpeladora para a consciência cristã. Apresenta dados e cifras que revelam a gravidade e magnitude do problema. Focaliza o papel das conferências Internacionais e o escasso êxito que têm alcançado até hoje. Lembra que a erradicação da fome é um dever moral e que "é uma degradação moral e humana manter a fome de muitos enquanto outros vivem na abundância ou opulência". Analisa as causas da atual situação, enfatizando a falta de vontade política dos dirigentes, sobretudo de países ricos. O autor chama a atenção também para as graves conseqüências da fome e indica pistas de superação, lembrando, porém, que não existem *soluções milagrosas* na luta contra a fome, que é um problema global, de muitas dimensões.

"CRB: Jubileu de Ouro - 1954-2004 -. Elementos para a sua história", de Frater Henrique Cristiano José Matos, é um texto de caráter histórico, em que o autor traça, com a competência que lhe é característica, o itinerário desses cinquenta anos de vida da Conferência dos Religiosos do Brasil. O autor parte de uma visão analítica do contexto sócio-político e eclesial em que foi fundada a CRB, destacando o grande surto

renovador que marcou a vida da Igreja naquela época, em nível internacional, e focalizando especialmente a situação da Igreja no Brasil. O caminho percorrido desde então é apresentado conferindo destaque a alguns marcos de particular relevância, como o impacto renovador do Vaticano II, a crise institucional da CRB com seus desdobramentos, os caminhos abertos ou confirmados por Medellín e Puebla. Conclui apontando para um futuro de esperança audaz: "Com Jesus andaremos na contramão o que não é uma posição cômoda, exigindo de nós destemor e teimosia evangélicos".

Pe. Jurandyr Azevedo Araújo, sdb, no texto "Experiência significativa: Sale-

sianos (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e leigos negros na Inspetoria São João Bosco", quer compartilhar com as comunidades religiosas uma experiência que ele considera "de vital importância na atual fase de busca e de construção empreendidas pelas comunidades afro-descendentes". O texto trata questões de grande relevância para a missão da Igreja hoje e apresenta os objetivos da experiência. Embora se trate da experiência de uma congregação, o conteúdo do texto é de grande atualidade e interesse para toda a Vida Religiosa. Vale a pena refletir sobre o texto e partilhar em comunidade os questionamentos que a experiência coloca para todos.

“A Igreja peregrinante é, por sua própria natureza, missionária, posto que toma sua origem da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o propósito de Deus Pai”



Mensagem do Santo Padre João Paulo II para o Dia Missionário Mundial 2003

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. Desde o início, quis colocar o meu pontificado sob o sinal de uma especial proteção de Maria. Muitas vezes, por isso, convidei toda a comunidade dos crentes a reviver a experiência do Cenáculo, onde os discípulos *"unidos pelo mesmo sentimento, se entregavam assiduamente à oração... com Maria, Mãe de Jesus"* (At 1,14).

A Igreja toma cada vez mais consciência de ser mãe, como Maria. Ela é "o berço, dizia na Bula *Incarnationis mysterium*, na ocasião do Grande Jubileu do Ano 2000 onde Maria depõe Jesus e O confia à adoração e contemplação de todos os povos" (n. 11). Ela deseja continuar sobre este caminho espiritual e missionário, sempre acompanhada pela Virgem Santíssima, Estrela da nova evangelização, aurora luminosa e guia segura do nosso caminho.

Maria e a missão da Igreja no Ano do Rosário

2. Em outubro passado, entrando no

vigésimo quinto ano do meu ministério petrino, como num prolongamento espiritual do Ano jubilar, proclamei um Ano especial dedicado à redescoberta da oração do Rosário, tão querida à tradição cristã; um ano a viver sob o olhar daquela que, segundo o oculto desígnio divino, com o seu *"sim"* tornou possível a salvação da humanidade e do céu continua a proteger quantos acorrem a Ela, especialmente nos momentos difíceis da existência.

O Dia Missionário Mundial, que coincide com o fim deste particular ano mariano, se for bem preparado, poderá imprimir um impulso mais generoso a este compromisso da Comunidade eclesial. O recurso confiante a Maria, com a recitação quotidiana do Rosário e a meditação dos mistérios da vida de Cristo, sublinharão que a missão da Igreja deve ser, antes de mais, sustentada pela oração.

A atitude de "escuta" que a recitação do Rosário sugere, aproxima os fiéis de Maria, que *"conservava estas coisas meditando-as no seu coração"* (Lc

2,19). A meditação que acompanha a Palavra de Deus torna-se um treino para viver "em comunhão viva com Jesus, poderíamos dizer, através do Coração de sua Mãe".

Igreja mais contemplativa:

o Rosto de Cristo contemplado

3. Voltam-me muitas à mente estas palavras: contemplar o "rosto" de Cristo, com Maria. Quando falamos do "rosto" de Cristo referimo-nos às suas aparências humanas, em que refulge a glória eterna do Filho Unigênito do Pai (cf. Jo 1,14): "A glória da Divindade reluz no rosto de Cristo". Contemplar o rosto de Cristo leva a um conhecimento profundo e envolvente do seu mistério. Contemplar Jesus com os olhos da fé leva a penetrar no mistério de Deus-Trindade. Jesus diz: "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9). Com o Rosário embrenhamo-nos neste itinerário místico "na companhia e na escola de sua Mãe Santíssima". Assim, Maria, ela própria, se faz nossa mestra e guia. Sob a ação do Espírito Santo, ajuda-nos a adquirir esta "serena audácia" que torna nos capazes de transmitir aos outros a experiência de Jesus e a esperança que anima os crentes.

Olhemos sempre para Maria, modelo insuperável! No seu espírito encontram um eco extraordinário todas as palavras do Evangelho. Maria é a "memória" contemplativa da Igreja, que vive no desejo de se unir mais profundamente ao seu Esposo para se refletir ainda mais na nossa sociedade. Perante os grandes problemas, diante da dor inocente, das injustiças praticadas com arrogância insolente, como reagir? Na doce escola de Ma-

ria, que é nossa Mãe, os crentes aprendem a reconhecer no aparente "silêncio de Deus" a Palavra que ressoa no silêncio para a nossa salvação.

Igreja mais santa:

o Rosto de Cristo imitado e amado

4. Todos os crentes são chamados, graças ao Batismo, à santidade. O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática *Lumen gentium*, sublinha que a vocação universal à santidade consiste no chamamento de todos à perfeição da caridade.

Santidade e missão são aspectos imprescindíveis da vocação de cada batizado. O compromisso de se tornarem mais santos está estreitamente ligado ao de espalhar a mensagem da salvação. "Todo o fiel recordava eu na *Redemptoris missio* é chamado à santidade e à missão" (n.90). Contemplando os mistérios do Rosário, o crente é encorajado a seguir a Cristo e a partilhar a sua vida até poder dizer com São Paulo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20).

Se todos os mistérios do Rosário constituem uma significativa escola de santidade e de evangelização, os mistérios da luz põem em evidência aspectos singulares da nossa "seqüela" evangélica. O Batismo de Jesus no Jordão recorda que todo o batizado é escolhido para se tornar, em Cristo, "filho no Filho" (Ef 1, 5; cf. *Gaudium et spes*, 22). Nas bodas de Caná, Maria convida à escuta obediente da Palavra do Senhor: "Fazei o que Ele vos disser" (Jo 2,5). O anúncio do Reino e o convite à conversão são uma ordem clara para todos, para

empreenderem o caminho da santidade. Na Transfiguração de Jesus, o batizado experimenta a alegria que o espera. Meditando a instituição da Eucaristia, volta repetidamente ao cenáculo, onde o Mestre divino deixou aos seus discípulos o tesouro mais precioso: Ele mesmo no Sacramento do altar.

São as palavras que a Virgem pronuncia em Caná que constituem, de certo modo, o fundo mariano de todos os mistérios da luz. O anúncio do Reino já próximo, a chamada à conversão e à misericórdia, a Transfiguração no Tabor e a instituição da Eucaristia encontram, de fato, no coração de Maria um eco singular. Maria mantém os olhos fixos sobre Cristo, faz um tesouro de cada uma das suas palavras e indica-nos a todos nós o modo de sermos autênticos discípulos do seu Filho.

Igreja mais missionária:

o Rosto de Cristo anunciado

5. Em época alguma, a Igreja teve tantas possibilidades de anunciar Jesus como hoje, graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Precisamente por isto, a Igreja é hoje chamada a fazer transparecer o Rosto do seu Esposo com uma santidade mais refulgente. Neste esforço, não fácil, sabe que é ajudada por Maria.

Sob o olhar vigilante da Mãe, a Comunidade eclesial cresce como uma família reavivada pela efusão poderosa do Espírito e, pronta para acolher o desafio da nova evangelização, contempla o rosto misericordioso de Jesus nos irmãos, especialmente nos pobres e necessitados, nos que vivem longe da fé e

do Evangelho. Em particular, a Igreja não tem medo de gritar ao mundo que Cristo é "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6); não tem medo de anunciar com alegria que "a boa nova tem o seu centro, antes, o seu mesmo conteúdo, na pessoa de Cristo, o Verbo feito carne, único salvador do mundo".

É urgente preparar evangelizadores competentes e santos; é necessário que não enfraqueça o fervor nos apóstolos, especialmente para a missão "ad gentes". O Rosário, quando plenamente descoberto e valorizado, oferece um auxílio espiritual e pedagógico ordinário muito fecundo para formar o Povo de Deus para trabalhar no vasto campo da ação apostólica.

Uma recomendação específica

6. O dever da animação missionária deve continuar a ser um compromisso sério e coerente de todo o batizado e de cada Comunidade eclesial. Uma função mais específica e peculiar compete, certamente, às Pontifícias Obras Missionárias, a quem já agradeço tudo o que generosamente estão a fazer.

A todos quero sugerir que intensifiquem a recitação do santo Rosário, a nível pessoal e comunitário, para obter do Senhor aquelas graças de que a Igreja e a humanidade têm particular necessidade. Por isso, convido a todos: crianças e adultos, jovens e anciãos, famílias, paróquias e comunidades religiosas.

Entre as muitas intenções, não quero esquecer a da paz. A guerra e a injustiça têm o seu início no coração "dividido". "Quem assimila o mistério de Cristo e o Rosário faz isso mesmo, apren-

de o segredo da paz e dele faz um projeto de vida". Se o Rosário marcar o ritmo da nossa existência, poderá tornar-se um instrumento privilegiado para construir a paz nos corações dos homens, nas famílias e entre os povos. Com Maria tudo podemos obter do Filho, Jesus. Ajudados por Maria, não hesitaremos em dedicar-nos com generosida-

de à difusão do anúncio evangélico até aos extremos confins da terra.

Com estes sentimentos, é de coração que vos abençôo a todos.

*Vaticano, 12 de janeiro de 2003,
Festa do Batismo do Senhor.*

Joannes Paulus n. II

“A boa nova tem o seu centro,
antes, o seu mesmo conteúdo,
na pessoa de Cristo, o Verbo feito carne,
único salvador do mundo”



Convocatória para o Segundo Congresso Americano Missionário

No dia 03 de outubro de 1999, na cidade de Paraná (Argentina), durante o Primeiro Congresso Americano Missionário, a Guatemala foi eleita para ser a sede do Segundo Congresso Americano Missionário (CAM 2) equivalente ao Sétimo Congresso Missionário Latino-americano (COMLA 7). Alegres e temerosos, assumimos este compromisso, seguros de contar com o apoio incondicional das Igrejas Irmãs da América Central.

Ao começar o ano desta tão grande celebração, como representante dos Bispos da Guatemala, saúdo no Senhor Jesus, o povo de Deus que peregrina na América, de maneira particular, seus pastores e os convido à preparação imediata da celebração do Congresso.

Após haver consultado os Presidentes das Conferências Episcopais do Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras e El Salvador, em nome da Conferência Episcopal da Guatemala, convoco o Congresso Americano Missionário (CAM 2), equivalente ao Sétimo Congresso Missionário Latino-americano (COMLA 7), que será

celebrado na Cidade de Guatemala de 22 a 30 de novembro do presente ano. Queremos que as crianças e os jovens se sintam convidados de modo especial.

O Congresso terá como objetivo, animar a vida das Igrejas particulares do Continente para que, desde sua experiência evangelizadora, assumam, responsável e solidariamente o compromisso com a missão *ad gentes*. Igrejas que se comprometam arduamente com o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, mudem profundamente os corações das pessoas e das estruturas sociais, econômicas e culturais, de modo que, os valores da verdade, da justiça, do amor e da liberdade, sejam pilares da paz verdadeira de que a América necessita (Cf. João Paulo II - Mensagem para a Jornada Mundial de Oração pela Paz, em janeiro de 2003).

Portanto, durante o Congresso, serão tratados aqueles temas que lembram aos participantes que sua missão é o *anúncio do Evangelho da vida*.

O Papa João Paulo II nos convidou à oração contemplativa do Santo Rosário

durante este ano. Recomendamos aos enfermos, aos idosos e às crianças a se unirem, pela oração do Rosário, às intenções dos trabalhos de preparação do Segundo Congresso Missionário. Confiamos, igualmente, o êxito deste Congresso à oração de todos os fiéis da Igreja na terra e aos santos e santas da América que louvam a Deus nos céus.

Maria de Nazaré, primeira evangelizadora que levou o anúncio do nascimento do Salvador à Mãe do Precursor e que, nos começos da evangelização do Continente, visitou nossa terra com o nome de Maria de Guadalupe, inter-

ceda também agora para que, em todos nós cresça o ardor, para anunciar Jesus Cristo àqueles que ainda não o conhecem, não somente entre os habitantes da América, mas também entre os povos de outras regiões do mundo.

Guatemala da Assunção,

02 de fevereiro de 2003.

Festa da Apresentação do Senhor

Mons. Rodolfo Quesada Toruño,

Arcebispo Metropolitano de Guatemala

*Presidente da Conferência Episcopal
da Guatemala*

**“O Congresso terá como objetivo,
animar a vida das Igrejas particulares
do Continente para que, desde sua experiência
evangelizadora, assumam, responsável
e solidariamente o compromisso
com a missão ad gentes.”**

As Águas Batismais e a Vocação do Cristão Leigo

MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER

No ano vocacional que agora vivemos, o tema e o lema não podem deixar de remeter-nos ao Batismo, sacramento da iniciação cristã. O tema nomeia diretamente o sacramento: *Batismo, fonte de todas as vocações*. O lema, desafiante e iluminador, aponta para o elemento da natureza que constitui o sinal do Batismo, a água: *Avancem para águas mais profundas*, citando literalmente Lc 5,4, no episódio evangélico da pesca milagrosa.

Ao mesmo tempo, tema e lema escolhidos pela CNBB com extrema acuidade e felicidade, nos remetem por extensão à questão igualmente central e complexa da vocação e missão do cristão leigo, que não cessa de ser colocada como interpegação perpassada de renovada força para toda a Igreja neste início de milênio.

Fazendo esta leitura do texto-base, cre-

mos não estarmos nos distanciando da intenção da CNBB ao convocar o ano vocacional, já que o parágrafo 9 do mesmo texto-base diz explicitamente que o tema escolhido "pretende ressaltar o fato de que todas as pessoas batizadas são chamadas para a missão". E afirma ainda, citando a constituição dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II, que... *o batismo é a fonte da comum dignidade e da legítima diversidade* (cf. LG, 32).

Ao comentar o lema do Ano Vocacional, no parágrafo 12 do mesmo texto-base, afirma a CNBB que sua finalidade é provocar a Igreja, comunidade de vocacionados e vocacionadas, a "fazer-se ao largo", isto é, avançar, ousar, rompendo com toda estagnação ou acomodação. E acrescenta que o plural utilizado deseja colocar em evidência a diversidade e a totalidade das vocações específicas.¹

¹ A forma no plural ("*Avancem!*") quer evidenciar também a diversidade, falando a todas as vocações específicas. Todas devem avançar, ir além, respondendo com prontidão ao chamado da Trindade. É um convite a viver o momento presente com paixão, mas tendo a coragem de abrir-se para o futuro, para o novo, para o diferente, para as surpresas do Espírito.

O tom inclusivo do texto-base anima-nos a ousar, neste texto, avançar sem medo para as águas mais profundas do lugar e da missão do laicato no conjunto da comunidade eclesial. Mais: anima-nos a fazer isto procurando aprofundar o significado e as sérias e profundas implicações teológicas que, para isso, têm um aprofundamento do sentido do sacramento do Batismo enquanto sacramento da iniciação cristã.

Em um primeiro momento, portanto, refletiremos sobre o significado plural e polimorfo que a água tem para o ser humano e de que maneira esta pluralidade está presente na simbologia batismal.

Em seguida, procuraremos percorrer alguns textos neo testamentários, a fim de ressaltar o conteúdo do rito de iniciação cristã e daí inferir as exigências que implica para a comunidade eclesial como um todo e para os indivíduos que por ele passam.

Finalmente, procuraremos deter-nos de maneira mais específica sobre o que o fato de ser batizado implica para todo e qualquer cristão e que incidência isso pode ter para uma teologia do laicato que se queira adequada ao momento eclesial em que vivemos. Assim também, refletiremos sobre as incidências que tem para uma pastoral do batismo que deseje propiciar aos catecúmenos que hoje procuram a Igreja Católica um caminho real para a vivência do seguimento de Jesus Cristo em todo o seu rigor e radicalidade, independente das

conotações específicas que irão tomar as distintas vocações dos batizados.

Desta maneira, esperamos que este texto seja uma modesta contribuição a todo o esforço conjunto de reflexão realizado nos diversos níveis e segmentos da comunidade eclesial a respeito do cristão leigo, sua identidade, vocação e missão. Não pretendemos solucionar questões espinhosas nem fazer afirmações definitivas. Desejamos porém, antes e para além de tudo, procurar, neste Ano Vocacional, colaborar para abrir alguns caminhos em direção a um futuro mais rico e promissor para esta Igreja que tanto amamos.

A água: símbolo de vida e morte

O Batismo é, sem dúvida, o sacramento de que mais fala o NT. Trata-se do sacramento da iniciação cristã, a porta pela qual judeus e gentios vão ter acesso à comunidade, daqueles que crêem em Jesus Cristo e o seguem ao longo da vida e até a morte.

O simbolismo do Batismo passa pela água, esse elemento da natureza sem o qual a humanidade não consegue viver e que carrega em si tão profunda e consistente riqueza de significado. Pois a água não apenas dá vida, lava e purifica, mata a sede satisfazendo o desejo e hidratando o corpo, como também mata quando desce dos morros e favelas em enxurradas que a tudo arrastem e afogam homens, mulheres, crianças, casas, animais, destruindo plantações e colheitas.²

² Cf. o que sobre isso diz F. TABORDA, in *Nas fontes da vida cristã. Uma teologia do Batismo-Crisma*, SP, Loyola, 2001, pg 152-153, comentando M. ELIADE, *Tratado de historia de las religiones* vol. I, Madrid, Cristiandad, 1974, pp. 222-252 e L. GOPPELT, "hydor" ThWNT VIII, pp. 313-333 e outros: "O

Quimicamente, a água é um elemento relativamente simples. Uma hidromolécula, a menor unidade do elemento chamado água, compõe-se de duas partículas de hidrogênio e uma de oxigênio. São essas moléculas que, juntas, formam as gotículas, as quais, por sua vez, formam as pequenas e grandes massas de água: a caneca de água que mata a nossa sede, a água que nos lava o corpo, as chuvas que se precipitam sobre a terra, os rios que serpenteiam pelos vales, os mares que enchem os abismos.

Na exata medida em que se alargam os nossos conhecimentos, firma-se também a consciência de que a água não é apenas um sustento, mas um dos sustentáculos da vida, na forma como nós a conhecemos. As águas, ensinam-nos hoje as ciências, foram o berço da vida, nas suas manifestações mais primitivas. Estudos bastante intrincados comprovam-nos ainda que a água, em estado líquido, é um elemento não muito comum no universo. Em temperaturas muito baixas, os elementos, sabidamente, se solidificam. Acima de um certo ponto de densidade atmosférica e calor, eles evaporam. Em todo o nosso sistema solar, somente o planeta Terra parece oferecer as condições naturais necessárias para que a água exista como líquido.

Trata-se de dado complexo, pois se por um lado, a água só se forma numa

faixa térmica relativamente estreita, por outro, uma vez existente, é exatamente a água que passa a funcionar como uma espécie de regulador térmico do lugar onde se encontra. O calor absorvido e armazenado por ela durante o dia é expelido durante a noite, impedindo variações climáticas extremas. E até onde, hoje, alcançam o nosso olhar e os instrumentos de nossa astro-tecnologia, o universo tem se revelado como bastante seco, isto é, constituído, predominantemente, de material gasoso ou sólido. A água é mesmo um fenômeno raro e algo coincidente com a própria vida, isto é, onde ela ocorre, aí também se dá a vida em profusão e plenitude.

E embora sejam possíveis outras formas de vida sem esse elemento, a vida, na sua diversidade e complexidade, assim como ela se constituiu no planeta Terra, está intimamente ligada à existência dessa matéria em estado líquido. Os seres vivos não precisam apenas de água. Eles são, num percentual bastante elevado, compostos de água. Setenta por cento do corpo humano, por exemplo, é constituído de água, seja fluindo na corrente sangüínea e nos outros líquidos do organismo, seja no interior de cada uma e de todas as células de nosso corpo. Três quartos da superfície da terra estão cobertos por água. Isto não é demais. Uma quantidade menor ou uma alteração brusca

manejo simbólico da água, como também sua emergência na linguagem metafórica ou nas explicações cosmológicas e cosmogônicas provém de três experiências humanas fundamentais." E o autor cita: a água é perigosa, é origem de morte; mas também é indispensável fonte de vida para todo ser humano, animal e planta; e a água lava, é meio de purificação, o mais importante de que a humanidade dispõe.

na quantidade e na dinâmica cíclica das águas e muitas formas de vida desapareceriam. Mesmo antes desses estudos acurados, a importância da água para a vida nunca escapou à percepção humana. Aliás, para saber que a água é essencial e preciosa não é necessário fazer nenhum curso de bioquímica. Basta fazer a experiência de sentir sede. Não é à toa que os salmistas e hagiógrafos do Antigo Testamento usam a metáfora da sede para significar o desejo que sentem de Deus.³

Entretanto, a água não é apenas aquela substância translúcida, que cai dos céus nos dias tórridos de verão, refrescando-nos, e que corre, mansa e benfazeja, pelos sulcos da terra, encantando os olhos e fecundando a vida. Ela é também avassaladora, como todas as outras forças da natureza. Sua energia descomunal pode produzir desastres assombrosos. Em grandes ajuntamentos, como nos mares, as águas são aterradoras: sua vastidão imensurável, seu volume espantoso, sua profundidade inacessível, sua força indomável, tudo isto faz-nos sentir dramaticamente insignificantes e frágeis. São múltiplas e muitas as experiências humanas em face a este elemento. Muitos e múltiplos são, por isso, também os significados da água no universo arquetípico e simbólico.

Assemelhados aos sentimentos que os humanos experimentam em relação à água são os sentimentos que temos acerca de Deus. Há, para onde quer que se volte o nosso olhar, algo que pervade todas as coisas, colocando-as no mundo e retirando-as daí, fecundando-as e recolhendo-as no seu abismo. Como as águas que jorram das camadas secretas da terra ou caem da vastidão do infinito, assim também experimentamos o dom de Deus a nós.⁴ E também nos maravilhamos e surpreendemos com esse dom, já que suas origens nos são ocultas. Quanto mais lhe prestamos atenção, mais fascina-nos o seu mistério e mais tremendo se nos parece o seu poder. Como as águas, que podem ser suaves e terríveis, humildes e portentosas, cristalinas e obscuras, preciosas e estarrecedoras, assim também a força misteriosa deste Inominável: *fascinante e tremendo*. É por isso que, desde sempre, os homens viram, nas águas, um símbolo de Deus.

As Escrituras Sagradas conservaram, nas suas páginas, esta ambivalência experiencial em dois complexos simbólicos. O dilúvio⁵, a passagem do Mar Vermelho⁶ e o batismo⁷. No primeiro, a água inunda, destrói e se configura como uma força, frente à qual as criaturas pouco valem. No segundo, ela é representação da justiça divina, abrin-

³ Cf. Sl's. 42, 63, 107, 110, 143, entre outros.

⁴ Cf. por exemplo, o que diz Santo Inácio de Loyola, ao final de seus Exercícios Espirituais, na Contemplação para alcançar amor, n. 234.

⁵ Gn 7,18-24 cf. 1 Pd 3,20s.

⁶ Ex 14; cf. 1Cor 10,1s.

⁷ Rm 6,4ss entre muitos outros.

do-se para deixá-los passar a hebreus, o povo eleito do Senhor e fechando-se sobre o Faraó e seus soldados, que perecem castigados pelo próprio pecado. No terceiro, ela lava, purifica, redime, é visibilidade da graça e da bondade que, prodigamente, nos sustentam. Nos três casos, podemos, de fato, entrever que, apesar de em circunstâncias diferentes, as águas prodigamente nos sustentam. Podemos, de fato, entrever as feições do Mistério que chamamos Deus: sua magnitude faz-nos baixar os olhos em humilde admiração e sua bondade faz-nos erguer a face em ridente gratidão. Inescrutável, como os abismos do mar, é o seu profundo e inescrutável mistério. Sentimo-nos como seus filhos e filhas. Ele nos é verdadeiramente próximo e íntimo. Esta proximidade, porém, não anula sua infinita distância e o seu mistério. À sua frente, nada somos por nossa própria força e o que somos, devemos-lo a Ele. Suave, como a água que escorre sobre o dorso dos corpos e da terra, é a

sua presença. Vigorosa e impressionante, como as tempestades que vergam as árvores e revolvem os mares, é a força de seu poder. Justa, abrindo-se diante de seu povo e fechando-se mortalmente sobre seus inimigos, é o braço forte de sua justiça que restaura e corrige.

O Batismo no Novo Testamento

O significado etimológico da palavra Batismo está intimamente ligado a este elemento que é seu sinal sensível, criador da realidade sacramental: a água. Batismo, portanto, vindo do grego, Βαπτισμα quer dizer imersão, banho. A Lei judaica, já no AT, prevê e inclui em suas prescrições, abluções e banhos rituais purificadores, usando a água como elemento central⁸. Além disso, as pesquisas exegéticas identificam práticas batismais já nas comunidades essênias⁹. E, entre os dois testamentos, aparece o Batismo de João Batista, que o próprio Jesus vai receber e que tem características penitenciais e purificadoras.

⁸ Ex 29,4 ; 30,18-20 ; 40,7.12.30. ; Lv 1,9.13 ; Lv 6:28; 8:6; 11:32-36; 14,9.50.51; 15, 5ss; 16, 4.24-27; 17,15; 22,6; entre muitos outros.

⁹ Os essênios são uma Associação religiosa judaica da Palestina, de caráter monacal e tendência ascética. Sua origem provém, provavelmente, dos assídeos (cf. 1Mc 2,42 e nota). Não são mencionados na Bíblia. Com a descoberta dos escritos do mar Morto (1947) e das ruínas de Qumrân, ficaram melhor conhecidos os costumes e a doutrina dos essênios e seu possível relacionamento com os fariseus e o NT. As características do grupo são: os candidatos passavam por um período de um ano de "postulantado" e dois anos de "noviciado"; o candidato era aprovado como membro após um juramento e recebia uma doutrina secreta. Praticavam a pobreza, o celibato e a obediência a um superior. Faziam abluções rituais e orações matinais. Veneravam Moisés e os anjos. Observavam o sábado, mas estavam separados do culto do templo. Segundo alguns, João Batista teria sido membro da seita dos essênios (Lc 1,60; 3,1-21). As pesquisas são abundantes sobre esta nova área de estudos que se abriu com a descoberta de 1947. Quem quiser se aprofundar sobre isto, v. P. P. A. LVES DOS SANTOS, *Os Manuscritos de Qumran e o Novo Testamento: Observações Preliminares e a Questão do Corpus Johanneum. Atualidade Teológica* - Revista do Departamento de Teologia da PUC/RJ. Rio de Janeiro: , v.III, n.4, p.9 - 49, 1999; P. P. ALVES DOS SANTOS. *Jesus viveu como um Essênio? Qumran e as raízes do Cristianismo.. Superinteressante..* São Paulo, 2002.; V. SILVA, *Textos de Qumran*. Petrópolis:Vozes, 1995.

O Batismo de João, porém, é diferente do Batismo de Jesus, e os autores neotestamentários fazem questão de ressaltar este ponto. O primeiro é um rito de penitência, que vai servir de preparação para o verdadeiro Batismo, que será o de Jesus (cf. At 19,1-7). Entre João e Jesus há, pois, uma continuidade, na medida em que Jesus recebeu o batismo de João, recebeu discípulos de João em seu grupo, os quais receberam o batismo de João e há, igualmente, a superação e novidade, expressa pelo próprio João (Mt 3,11).

Nos textos neotestamentários, a Igreja Primitiva nos aparece mais preocupada em salientar a novidade radical deste ritual em relação aos rituais judaicos e o conteúdo salvífico próprio desse gesto sacramental: o cumprimento das promessas de Deus e a realização das maravilhas de sua salvação em favor do povo. Vejamos o que estes nos dizem:

O Batismo cristão encontra sua raiz no mandamento de Jesus : Mt 28,16-20; Mc 16,15-20. É imperativo, portanto, e não opção, para todos os que desejem segui-lo, praticar e anunciar seu Evangelho. O final dos evs. de Mt e Mc nos demonstram que a primeira comunidade cristã, após batizar durante algum tempo "em nome do Senhor Jesus" compreende que está em plena sintonia com o desejo de Jesus: batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo como meio para "fazer discípulos a todas as nações". E assim, desde o princípio, os que querem pertencer à "comunidade dos salvos" se integram na salvação de Jesus Cristo através do batismo dado com sua auto-

ridade para o perdão dos pecados, recebendo assim o Espírito Santo.

No livro dos Atos dos Apóstolos, o Batismo aparece como dom que constrói a base da Igreja no mundo (At 1,15.8; 28,1-31). Tal concepção do Batismo já se encontra presente na comunidade primeira desde Pentecostes (At 2,37-38-41) quando a descida do Espírito dá nascimento à Igreja e os que querem aderir à nova proposta de vida são instados a deixar-se batizar. Posteriormente, em toda atividade apostólica o Batismo será o sinal que irá inaugurando novas comunidades baseadas na escuta da pregação, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. (At 2,42ss; At, 4,4; 8,26-40; 9,18; 10,1-48; 16,14-15.29-33; 18,8. O Novo Israel, a Igreja, será construído a partir do batismo, que derrama prodigamente o dom do ES e a novidade de Cristo.

As cartas de Paulo, em várias passagens, como por exemplo Gl 3-5; Rm 5-8; 1Cor 6,11; 10-12; Cl 2-3; Ef 1-5; Tt 3,3-7 vão demonstrar que ser batizado equivale a reviver sacramentalmente a páscoa de Jesus. O Batismo realiza uma associação ontológica do crente ao Cristo (cf. 1Cor 1,13) em tudo: vida, morte e ressurreição. (Rm 6,3-5). Pelo Batismo, o crente é inserido, enxertado no Mistério Pascal. Todos os sinais presentes no Batismo vão apontar para este sentido primordial: o mergulho nas águas (em seu duplo sentido regenerador, purificador e também mortal) e a emersão para uma vida nova, semelhante à de Cristo. O Novo Testamento, portanto, já compreende o Batismo como memorial do acontecimen-

to pascal. E a memória viva da páscoa de Jesus atualizada na recepção do sacrifício implicará portanto, em assumir o mistério pascal de Cristo na vida do catecúmeno.¹⁰ Ser batizado, portanto, é pertencer a Cristo, e ao corpo de Cristo, que é a Igreja. É ser nova criatura (cf. 1 e 2 Cor), cujo paradigma é Cristo e viver em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Da mesma forma, Paulo ressalta que o Batismo não é um acontecimento isolado: foi preparado pelo AT (1Cor 10,1-5) e se desdobra na Igreja (Cl 2,12; Ef 3,10) à espera da parusia final (1Ts 5,1-11). Todo aquele ou aquela que é batizado, portanto, não está mais sozinho, pois está enxertado pelo sacramento que recebeu em um grande movimento e tradição. O Batismo pertence, pois, ao desenvolvimento da economia global da salvação.

Os quatro primeiros capítulos da Primeira epístola de Pedro parecem um eco da liturgia pascal e portanto, batismal e da catequese preparatória e neo-catecumenal (1,13-20; 2,1-10; 3,18-22;). Vão sublinhar, portanto, a importância deste rito de iniciação para a constituição de toda a comunidade de salvação chamada Igreja que nasce do evento Jesus Cristo pela força do Espírito e é celebrado com júbilo e seriedade pela comunidade cristã.

Já os escritos joaninos querem mostrar a realização das ações de Deus e de Cristo ao longo de toda a

história. Dão especial relevo ao batismo de Jesus no Jordão (cap. 1) e à conversa do Mestre com Nicodemos (cap. 3) que descreve o Batismo como novo nascimento. Os sinais que Jesus realiza durante sua vida vão prefigurar os sacramentos da Igreja¹¹. Assim também a primeira carta de João vai enfatizar o Batismo como perdão dos pecados, permitindo uma nova vida que brota da água e do sangue, em Cristo e no Espírito (1Jo 3,1-10; 5,6-13).

E o mais tardio livro da Bíblia, o Apocalipse, escrito sob a pressão da terrível perseguição aos cristãos, vai instar a que estes não percam a esperança lembrando-lhes que pelo Batismo que receberam, estão para sempre convidados a saciar sua sede nas fontes das águas que nunca cessarão de jorrar do seio daquele que é o Alfa e o Omega (7,17; 21,6; 22,1-17).

Deste percurso sobre os textos neotestamentários, podemos inferir alguns pontos importantes para o tema que nos ocupa neste texto: a centralidade do Batismo para a compreensão da igualdade fundamental de todas as vocações.

1. O Batismo é um rito inclusivo. Diferente do rito de iniciação judaico, que passa obrigatoriamente pela anatomia masculina, e que só é concedido a judeus, o novo rito cristão vai incluir as mulheres, os gentios de toda sorte, os escravos e os de qualquer condição social, inaugurando uma nova maneira de ser e de viver que não encontra es-

¹⁰ Cf. O que sobre isso comenta a Lumen Gentium n. 8.

¹¹ Cf. O belo comentário que sobre isso faz C. ROCHETTA, *Os sacramentos da fé*, SP, Paulinas, 1991 pg 239.

paço e não deixa lugar para a exclusão de qualquer espécie. É de uma Igreja feita de batizados que Paulo vai poder proferir a libertadora afirmação da carta aos Gálatas, capítulo 3, 28: ***Não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos sois um só em Cristo Jesus.*** O Batismo vai não só mostrar, mas sinalizar indelevelmente com a força do sacramento, que em Cristo Jesus todas as diferenças foram abolidas e que as águas batismais lavaram e diluíram todas as fronteiras separatistas, abrindo caminho a uma comunidade universal que não admite discriminações dentro ou fora de seus limites de pertença.

2. O Batismo dá ao ser humano uma nova identidade. Identidade essa marcada toda ela por uma dinâmica pascal. Significa morte ao "velho homem" ou ao Adão antigo, o que significa morte ao pecado e à separação de Deus, e a tudo que constitui o reino das trevas. Morte, portanto, à vida antiga. Por outro lado, esta morte e ruptura radical implica um estar disposto, como Cristo, a sofrer e morrer pelo povo. Aí está o sentido da existência não só do leigo, nem só do sacerdote ou do religioso, mas de todo cristão. Primeiramente, uma ruptura radical com o passado e suas velhas alianças, seus segretos compromissos com a iniquidade. Essa ruptura se dá - no dizer de São Paulo, colocando em paralelo o cristão e Jesus Cristo - "por uma morte semelhante à sua... a fim de que, por uma ressurreição também semelhante à sua, possamos

não mais servir ao pecado, mas viver para Deus" (Rm 6,5-11). E viver para Deus significa começar a comportar-se no mundo como Jesus se comportou. Existir não mais para si, mas para "fora de si" - para Deus e para os outros (cf. 2Cor 5,15).¹²

Esse novo modo de existir não acontece, no entanto, sem conflitos. Para Jesus, o conflito desembocou na Cruz. Para os batizados que seguem a Jesus, isso implicará assumir um destino semelhante ao seu. Implicará estar disposto a dar a vida, a sofrer e morrer pelo povo, como Jesus o fez. Implicará, ainda, deixar para trás apoios e seguranças outras para compartilhar com Jesus as situações humanas-limite, que pontilharam seu existir: incompreensão, solidão, sofrimento, fracasso, incerteza, perseguição, tortura, morte. Mas também - e não menos - amizade, amor, comunhão, solidariedade, paz, alegria, ressurreição e exaltação.

O batizado, portanto, "perde" a sua antiga identidade para ganhar uma nova identidade, uma identidade crística, já que o fundo mais profundo desta nova identidade é a própria pessoa de Jesus Cristo, sua vida, seu agir e sua morte e ressurreição.

3. O Batismo funda um modo específico de ser e construir a Igreja. Além e para além de incorporar o ser humano a Cristo, outro efeito fundamental do Batismo é incorporá-lo a uma comunidade eclesial (1Cor 12,13; Gl 3,27). Por isso, além de trazer uma nova identidade - a identidade crística - a aquele

¹² Cf. Sobre isso nossa reflexão M. C. BINGEMER e J.M. CASTILLO, *A Identidade Crística*, SP, Loyola, 1998.

ou aquela que por ele passa, o Batismo é o sacramento que configura a Igreja. O modelo de Igreja que surge a partir do Batismo é o de uma comunidade dos que assumiram um destino na vida: viver e morrer para os outros.¹³ O modelo de Igreja que surge a partir do Batismo é, portanto, o de uma comunidade dos que existem para os outros, dos que assumiram um destino na vida: viver e morrer para os outros. É a comunidade daquelas e daquelas que foram revestidos de Cristo e se comportam na vida como Ele se comportou; que assumem em sua vida a vocação e a missão de serem outros Cristos: homens e mulheres para os outros, homens e mulheres conduzidos, guiados e inspirados pelo Espírito Santo de Deus; homens e mulheres libertados para viver a liberdade do amor até as últimas conseqüências.¹⁴

Não se trata, portanto, de uma Igreja massificada e amorfa, nem muito menos de uma Igreja eivada de divisões de classes. Trata-se, sim, da grande comunidade dos que vivem em suas pessoas e em suas vidas o mistério de Cristo, dos que são batizados, dos que foram mergulhados na morte de Cristo e renasceram para uma vida nova, voltada para fora de si, de serviço e dedicação aos outros e de construção do Reino. A partir daí se organiza a Igreja, que será uma comunidade viva, construída a partir não de cargos previa-

mente estruturados que determinam a importância de cada membro da comunidade dentro do todo.

As águas profundas por onde navega essa barca que é a Igreja

Nos dias de hoje, a Igreja vem lutando, com coragem e determinação, para re-encontrar esse modelo presente nas fontes da revelação e da vida cristã. Isso a vem obrigando, igualmente, a navegar em águas mais profundas e mover-se em terrenos talvez mais movediços e complexos, a fim de ser capaz de fazer-se ouvir em meio ao tumulto do mundo de hoje, eivado de tantos apelos e tantas possibilidades.

O Concílio Vaticano II certamente trouxe, neste sentido, uma grande e significativa contribuição. Pois não apenas o Concílio fala muito e positivamente dos leigos como membros plenos da Igreja em vários de seus mais importantes documentos, como também alguns movimentos leigos apostólicos, muito ativos nas décadas anteriores ao Concílio, deram aos Padres Conciliares um material importante e inspirador para poder avançar através de várias superações em direção a uma eclesiologia mais integrada e de comunhão.¹⁵

Nesse sentido, não apenas o Concílio procura superar a definição do leigo pelo negativo (= o que não é sacerdote, o que não é monge, o que não é religioso) como

¹³ Cf. J. M. CASTILLO, *La alternativa cristiana*, Salamanca, Sígueme, 1992, caps 4 e 5 ; V. ainda o que sobre isso diz o mesmo autor em seu livro *Teologia para comunidades*, Madrid, Paulinas, 1990, capítulo 18: "El Bautismo: sufrir y morir por el pueblo".

¹⁴ Cf. Sobre isso nossa reflexão, M. C. BINGEMER, *A identidade crística*, SP, Loyola, 1998.

¹⁵ Deve-se citar, sobretudo a Ação Católica, assim como os movimentos bíblico e litúrgico, de enorme importância no pré-Concílio.

também e igualmente proclama e consagra uma definição de Igreja – muito concretamente, na Constituição Dogmática “Lumen Gentium”¹⁶ como Povo de Deus, onde todos são membros plenos. A condição cristã comum de membro do Povo de Deus é anterior, – teológica e cronologicamente, – à diversidade de funções, carismas e ministérios.

Toda a comunidade eclesial, portanto, segundo esta concepção, é ministerial, apostólica, carismática e profética. Todo batizado, portanto, pelo fato de estar inserido em Cristo pelo seu batismo, é sacerdote, no sentido do louvor e mediação. A vida do batizado será – e em última análise, o próprio sacramento do Batismo – o fundamento do sacerdócio comum dos fiéis. Todo batizado, seja ele ou não um ministro ordenado, é chamado, em virtude do seu Batismo, a oferecer um culto a Deus. E este culto fundamental é o oferecimento da própria pessoa a Deus com todas as suas conseqüências.¹⁷ Aí já está dado, portanto, o fundamento necessário para considerar a vocação cristã como o chão comum da qual surgirão todas as vocações que formam o tecido multicolor e pluriforme da comunidade eclesial.

Embora reconhecendo todo o avanço que este documento, assim como todo o Concílio em geral, trazem para a Igreja e muito concretamente para todas as categorias de cristãos, não se pode deixar de reconhecer que hoje, com a distância

histórica que do evento conciliar temos, nos é permitido identificar algumas limitações em seus documentos.

Creemos poder afirmar que nos documentos conciliares, o leigo ainda é definido juridicamente e pelo negativo: aquele que não é clérigo, religioso ou a quem não foi dado, na Igreja, um carisma ou uma vocação ou ministério especial e tem a seu favor “apenas” o Batismo. E que lhe é destinado como campo de trabalho apostólico apenas o mundo secular. Essa definição de leigo estrutura a Igreja segundo a concepção conciliar, quanto a sua composição e formação, com base numa dicotomia e contraposição centrais: a contraposição **clero X laicato** à qual se alia outra: a contraposição **religiosos X não religiosos**. Isto nos conduz à percepção de que nos documentos conciliares e, em especial, na constituição dogmática **Lumen Gentium**, ainda coexistem duas concepções eclesiológicas: uma eclesiologia jurídica e uma eclesiologia de comunhão.¹⁸

Em termos de avanço possível para uma concepção mais adequada do que seria a vocação cristã, a posição conciliar ainda traz, portanto, a nosso ver, uma sutil dificuldade e discriminação. Por um lado, confina o leigo e a vivência possível de sua vocação batismal ao campo do secular e do profano, declarando-o, conseqüentemente, não autorizado a considerar-se vocacionado e apto a ocupar-se das coisas propriamen-

¹⁶ *Lumen Gentium* 31.

¹⁷ Rom 12,1; LG 10.

¹⁸ Cf. a esse respeito A. ACERBI, *Due Ecclesiologie: Ecclesiologia giuridica ed Ecclesiologia di comunione nella LG*, Bologna, Dehoniane, 1975.

te "sagradas" ou "de Deus". Aí estariam incluídos: o estudo e ensino da teologia, bem como a pesquisa e publicação teológicas; o magistério da orientação espiritual e o acompanhamento de pessoas em sua caminhada cristã; a participação na liturgia a nível organizador e produtor de símbolos, e não apenas consumidor do que é oferecido pelo sacerdote e pelo clérigo.

Desde outro prisma, igualmente, esta otimista e entusiasta valorização do terrestre e do temporal que encontramos nos textos conciliares pode trazer alguns riscos para a própria visão de mundo e concepção de vocação cristã, o que nos dias de hoje, pode ser bastante perigoso. Nela está latente, por exemplo, o risco de obscurecimento da especificidade daquilo que é e em que implica a radicalidade de tal vocação, oriunda do sacramento do Batismo, e o risco de desconhecer a realidade de que existe um aspecto do "mundo" que não leva a Deus. Portanto, esconde-se aí o risco de menosprezar a validade e a pertinência de toda uma tradição ascética cristã na busca da fidelidade ao chamado de Deus e da união com Ele, que agora pareceria descartada como fora de moda ou de lugar.¹⁹

Se nos tempos de sacralidade difusa e confusa que são os nossos²⁰ muito facilmente chamamos de contato com Deus ou de experiência mística a toda e qualquer busca de sensação "espiri-

tual" conseguida às vezes com recursos artificiais outros que não a relação que se instaura e se aprofunda unicamente na gratuidade, na escuta e no desejo, estaremos traindo a concepção mesma de vocação, de experiência de Deus e de mística que até hoje tem marcado toda a tradição cristã ocidental e que se encontra no coração da identidade daquilo que por isto se tem entendido e se entende.

Por outro lado e ainda mais, está talvez o risco igualmente aí implícito de ignorar que todas as condições de vida, inclusive no interior da Igreja, têm uma dimensão mundana, sócio-política. Se assim é, todos os aspectos da vida, inclusive os intra-eclesiais, implicam em uma resposta feita de ressonâncias igualmente "mundanas", político-sociais, já que ninguém é neutro frente aos desafios históricos diante dos quais é posto. A pretensa neutralidade em relação ao real quando se trata das coisas do Espírito está bem próxima do mascaramento – voluntário ou involuntário – de ideologias e interesses e é tão perigosa para uma teologia e espiritualidade sadias como o entusiasmo desordenado e ingênuo pelas realidades terrestres.²¹ Levar este ponto a sério pode significar um quadro de mudanças e avanços bastante significativos na maneira de pensar e entender a vocação cristã.

Em algumas tendências teológicas

¹⁹ Cf. Y. CONGAR, em *Dictionnaire de Spiritualité (DSp)* t. IX, col. 79, verb. *Laïc et laicat*, op. cit., pg 102.

²⁰ V. sobre isso F. DO Couto TEIXEIRA, *O Sagrado em novos itinerários*, in *Vida Pastoral* fsc. 212 (maio-junho 2000), pp. 17-22. Aliás, todo o número da revista traz artigos importantes e significativos para esta questão.

²¹ Cf. o que sobre isso diz B. FORTE, *A missão dos leigos*, SP, Paulinas, 1987, pg 41.

mais recentes, no entanto, percebe-se nitidamente a tentativa de superação das contraposições acima mencionadas. Questiona-se se não seriam empobrecedoras ou mesmo um tanto redutoras da amplidão do espírito da eclesiologia conciliar baseada sobre a categoria totalizante de Povo de Deus.²²

Essas teologias mais recentes propõem a superação das citadas contraposições por meio de um novo eixo, feito de tensão dialética: o eixo comunidade — carismas, ministérios. Assim a Igreja redescobriria sua vocação de comunidade batismal englobante, no interior da qual as vocações são ouvidas, acolhidas e assimiladas pelo todo da Igreja; os carismas são recebidos e os ministérios exercidos como serviços em vista daquilo que toda a Igreja deve ser e fazer. A vida espiritual de todo o Povo de Deus pode beber do mesmo Espírito que não discrimina suas maravilhas segundo as categorias jurídicas, derramando-as com total prodigalidade e generosidade sobre todos aqueles e aquelas que, pelo Batismo, foram enxertados no mistério de Cristo e passaram a encontrar nele o mais profundo e verdadeiro de sua identidade. E pode, sem riscos de “inadequação”, encontrar pela via da inspiração as diferentes expressões deste Espírito no mundo e na história, na vida pessoal e comunitária.

Em uma Igreja assim configurada, os ministros são os servos da comunidade; os religiosos são como que sinais e testemunho dos valores escatológicos para todos. E os chamados — um tanto

inapropriadamente — “leigos” não deixam de viver uma consagração, que não é menor ou menos radical do que aquela vivida por qualquer outro segmento do Povo de Deus.

Trata-se igualmente de uma Igreja que traz uma abertura maior, que ultrapassa inclusive a concepção de vocação entendida apenas *ad intra*. Se o Concílio proclama e convoca os cristãos para a união de todas as Igrejas cristãs e se esta se dá no Batismo que por sua vez cristãos de diferentes denominações recebem validamente como introdução na vida cristã,²³ ousaríamos dizer que a vocação cristã não se limita, portanto, apenas ao interior das fronteiras da Igreja Católica Romana. Atinge, ao invés, todo o orbe cristão, em virtude do sacramento de iniciação que inclui a todos os que professam a fé em Jesus Cristo e a ele desejam seguir. Existe aí uma nota ecumênica delicada e de grande valor que nos parece seria extremamente fecundo explorar durante este ano vocacional.

Inclusive a contribuição de uma tal abertura em sentido ecumênico implicaria em ter ouvidos atentos e humildes para aprender das outras Igrejas toda a riqueza que nos podem ensinar a respeito da vocação cristã batismal.

Neste particular, a Igreja oriental pode talvez fornecer pistas valiosas, no sentido de que foi mais capaz de conservar e preservar os pontos nodulares da teologia bíblica e da concepção que esta traz do cristão, da sua vocação e identidade. Para a Igreja oriental, todo membro do

²² Cf. As Teologias de B.FORTE, Y. CONGAR, J. COMBLIN, etc.

²³ Cf. O documento *Unitatis Redintegratio* nn. 3 e 22.

povo – “laós” – de Deus, qualquer que seja seu lugar dentro do conjunto deste povo, é “pneumatóforo”, ou seja “portador do Espírito”, em virtude da dimensão visceral e profundamente pneumática dos sacramentos da iniciação cristã: o batismo, a crisma e a eucaristia.²⁴

Carismático porque ungido pelo Espírito, todo batizado é rei, sacerdote e profeta na unidade do povo de Deus (“laós théou”). E o povo de Deus, assim formado, inclui todas as vocações e não apenas os leigos opostos ao clero. Mas sim o *pleroma* do Corpo de Cristo, onde todos são leigos (porque povo) e sacerdotes (em virtude dos sacramentos) e onde o Espírito diferencia os carismas e os ministérios.²⁵

Se adotamos esta perspectiva e dela aprendemos parece-nos, portanto, impróprio continuar falando em termos de vocação apenas no sentido direcionado ao sacerdócio ou à pertença às ordens e congregações religiosas. Impróprio seria igualmente permanecer aferrado a diferenciações que identificariam uma espiritualidade adequada para o clero, outra para os religiosos e outra ainda mais própria aos leigos ou mesmo “leiga” ou “laical”. Não teria sentido nem cabida dentro de tal visão de Igreja. Na verdade, se a Igreja em que cremos é aquela composta por todos os batizados, ou seja,

por todos aqueles – homens ou mulheres – que encontram sua identidade e sentido de vida na pessoa de Jesus Cristo e na abertura a Seu Espírito, as vocações – todas elas – apontam em uma só direção: a santidade, entendida como a radicalidade da vida cristã.

A espiritualidade que sustentaria tal diversidade de vocações, portanto, não poderia ser outra senão a espiritualidade mesma da vida cristã. O batizado, incorporado a Cristo e ungido pelo Espírito, é participe das riquezas e responsabilidades que seu Batismo lhe dá. E por isso, não é menos “consagrado” nem menos vocacionado que outros. O fundamento da vida de todo cristão continua a ser a consagração batismal e é desta que decorre sua vida espiritual e a vocação pela qual se configurará seu serviço à Igreja e ao Reino de Deus.²⁶ O fato de que nesta única espiritualidade existam diferentes carismas e vocações não elimina a constatação de que ela encontra sua raiz num único chão: o do Evangelho de Jesus Cristo, do qual se depreende somente toda e qualquer experiência de vida no Espírito que reivindique para si o nome de cristã. Conforme esta espiritualidade for sendo vivida por diferentes categorias de pessoas, em diferentes situações e caminhos, se poderá falar de multiplicidade de vocações

²⁴ Cf. O. CLEMENT, *L'Eglise, libre catholicité des consciences personnelles. Point de vue d'un théologien de l'Eglise orthodoxe*, in *Le Supplément* 155 (1985) PP. 55-56.

²⁵ *Ibid.* Importa no entanto fazer a ressalva que já mesmo na teologia do Ocidente se encontram tendências nessa direção. V., por exemplo, a afirmação de B. FORTE, *op cit.*, pg. 31, no sentido de que a eclesiologia que emerge de uma concepção não «compartimentada» do Povo de Deus é uma eclesiologia total e a laicidade passa a ser assumida como dimensão de toda a Igreja presente na história.

²⁶ Cf. B. FORTE, *op. cit.*, pp 31. 35.

para viver o chamado do mesmo Deus. Enquanto é bom e rico que hajam ministérios múltiplos, nos quais se realiza o dom e o compromisso de cada batizado, fazer demasiada ênfase nas diferentes categorias de **laicato**, contrapondo-a ao **clero** ou à **vida religiosa** só vai resultar em uma abstração negativa, que empobrecerá toda a vida eclesial.²⁷

É nesta encruzilhada resultante de dois mil anos de história que a vida cristã se encontra e, em meio a ela, os cristãos inadequadamente chamados "leigos" que buscam há muito, trabalhosa e pacientemente, o perfil de sua identidade em meio ao povo de Deus. Esse número majoritário de cristãos batizados que há tantos anos são considerados e tratados como cidadãos de segunda categoria dentro da Igreja, mas que permanecem com grande sede espiritual e imenso desejo de santidade encontram-se insatisfeitos e perdidos, em busca de um caminho que lhes seja possibilitado a fim de viverem plenamente sua vocação e missão.

Trata-se – para o cristão batizado, qualquer que seja ele – de uma consagração existencial, ou seja, de fazer da própria vida um sacrifício que seja agradável a Deus. Tudo que o leigo é e faz, portanto, é parte dessa sua consagração primordial do Batismo, como membro pleno do Povo de Deus.

O Batismo é, portanto, a consagração cristã por excelência e todo cristão

que passou por suas águas torna-se então, outro Cristo, ou seja, representante ou vigário de Cristo no mundo. Pela unção do Espírito, é estabelecida desta forma uma correspondência entre a vida do cristão e a de Cristo.

A vida de Cristo será então o exemplo predecessor e gerador de um estilo de vida. E para o cristão, o que importará somente será receber seu Espírito, segui-lo em sua vida, assumindo seus critérios e atitudes. A consagração batismal instaurará, então, uma correlação entre Cristo e o discípulo, na qual o Espírito é o consagrante e o cristão, o consagrado.

A santidade como utopia da vocação cristã

As religiões monoteístas do tronco abraâmico (judaísmo, cristianismo, islã), têm no encontro humano com o Deus único, o Incondicional profeticamente revelado, o fundamento da normatividade universal do seu **ethos**²⁸. A fé cristã afirma ser o encontro com o Deus de Jesus Cristo a experiência de um sentido radical do existir, uma teonomia fundante da liberdade e responsabilidade **pessoais**, um enraizamento experiencial da pessoa no Incondicionado que lhe assegura, a um só tempo, a liberdade e o limite²⁹.

Um termo da mais tradicional versão grega da **Torah** judaica, a **Septuaginta**, designa o fundamento do **ethos** do cristianismo nascente. A palavra em ques-

²⁷ Cf. B. FORTE, op. cit., pg 37.

²⁸ Ver H. Küng, **Proyecto de una ética mundial**, Trotta, Madrid, 1992, p. 75.

²⁹ Ver G. Mathon, Sainteté, **in Catholicisme hier, aujourd'hui et demain** 61 (1992), p. 704. Ver também A.J. Festugière, **La Sainteté**, PUF, Paris, 1949, obra estruturada em torno da comparação entre o herói grego e o santo cristão.

tão é **ágape**, usualmente traduzida por amor. Aqui se intenta significar uma concepção de amor para a qual não parecem nem adequados nem idôneos os verbos e substantivos mais usuais na língua grega como **Eros**, **filia**, **storgé**... No amor/**ágape** se destacam a generosidade desinteressada e oblativa – sem outro interesse ou possibilidade de gozo e satisfação que não seja seu próprio exercício – e a disponibilidade para uma saída de si em direção ao outro. A não-profanável alteridade é o ponto de partida dessa doação de si, que tem sua raiz num Deus doador que é seu próprio dom. Esse Deus que se revela, e é percebido e adorado como sendo Ele mesmo amor. Tal como expressa, com ofuscante clareza, a primeira carta de João: “... quem não ama, não descobriu Deus, porque Deus é amor” (1 Jo 4, 8). É neste amor que o Batismo introduz todo aquele ou aquela que o recebe. E é deste amor que brotará o chamado, a vocação específica de cada batizado. Mais: é esse amor que constituirá, em si mesmo, a vocação mais autêntica e profunda daquele ou daquela que pelo sacramento do Batismo, se dispôs a todas as conseqüências que implicam a vida nova proposta por Jesus Cristo.

É verdade que os pensamentos, palavras e obras dos batizados freqüentemente não guardam qualquer traço de fidelidade para com a Revelação do Deus-**agapé** em Jesus de Nazaré. Mas nem **por isso** se apaga a Luz que ilumina algumas constantes do Dever Ser do **ethos** cristão. A mesma Luz que o pró-

logo do Evangelho de João nos informa que brilha nas trevas sem que as trevas a apreendam (Jo 1,5).

Uma primeira dessas constantes é a **universalidade**³⁰, que veta qualquer acepção de pessoas, no exercício da propriedade mais própria do cristianismo: a efetividade do amor. Dessa efetividade não pode estar excluído ninguém, nenhum dos ontologicamente carentes seres humanos, nem mesmo os inimigos e os criminosos. Todos são chamados a encontrar a cidadania do arrependimento e da reconciliação no amor incondicionado, que é a sempre aberta Porta do perdão: o Crucificado Ressuscitado. O Evangelho de Jesus Cristo tem o louco afã de impregnar de amor mesmo os recantos mais ensombrecidos da realidade, incluídos no abraço da Graça sempre maior que os pecados e a destruição da solidariedade. Rezar pelos inimigos, aos agressores oferecer a outra face, eis o desconcertante cerco que o Deus de Jesus Cristo fecha em torno àqueles que por Ele são “livremente agrilhoados”.

Uma segunda constante é seu **compromisso preferencial**, sua **parcialidade**. O Deus/**agapé** veio ao mundo não para salvar “justos” mas “pecadores”, comprometendo-se em primeira linha com o destino dos fracos, doentes, pobres, marginalizados, excluídos. O Verbo de Deus que tem em si a vida (Jo 1,4), tem a parcialidade do compromisso com aqueles onde vê seu dom mais agredido e empenha-se ao lado das vítimas do desamor dos homens. Mas mantém, também aos agressores, sempre aberta a Por-

³⁰ Ver J.G. Caffarena, **Aportación cristiana a un nuevo humanismo?**, in J. Mugueria, F. Quesada e R.R. Aramayo (Orgs.) **Ética día tras día**, Trotta, Madrid, 1991, p. 188.

ta do arrependimento e perdão. Isso significa: solidariedade amorosa, que traz consolação no sofrimento, partilha na carência. Experimentar na carne a alteridade dos sofredores, é misterioso processo de substituição³¹ que a fé e o paradigma crístico revelam enraizado na potência libertadora do amor/agapé.

Outra constante é a **ruptura** de todos os limites apenas humanos. Encarnado no criatural, o amor/agapé explode sempre, em dor e júbilo, os limites dessa sua morada. Paulo de Tarso soube expressar magistralmente essa tensa ruptura libertadora, a luta interior onde tantas vezes "... não faço o bem que quero mas o mal que não quero" (Rm 7,19). A capacitação para esse "bem que quero" o cristão a encontra na participação no corpo místico do Senhor Ressuscitado, que vence a morte e o "mal que não quero". Vencer o mal com o bem (Rm 12,21) é não se furta a assumir em si toda a vulnerabilidade e mortalidade da condição humana até às últimas conseqüências: é fincar a **Cruz** no fundamento do **ethos**. É ter como vocação o próprio Jesus Cristo.

O descomunal desafio e dom que o cristianismo coloca diante de seus seguidores tem, portanto, na Cruz referência obrigatória. Um desafio e dom que assusta os que se propõem vivê-lo, cientes da fragilidade de suas opções, da pouca coerência de suas vidas, da magra coragem que anima sua intervenção no

mundo e na história, da muita vaidade que habita em nossos corações. Viver o **ethos** cristão é viver no epicentro de uma situação conflitiva: a fissão do humano, levando sua abertura para o divino a uma entrega total. Nessa fissão o Deus-agapé teve a primeira palavra: em sua louca aventura amorosa da Criação e da Encarnação. Loucura que tem no velho adágio dos primeiros Padres da Igreja a expressão desconcertante: "Deus se fez homem para que o homem pudesse ser feito Deus". E diante da vertigem dessa absurda desproporção entre nossa estatura e o desafio e dom a ela colocados, nos ajuda a graça divina, em cuja economia o extraordinário se tece com os fios da fragilidade e vulnerabilidade inerentes à condição humana.

A tessitura desses fios está nas mãos do Espírito, que os estira para além dos limites do autocentramento humano e os rompe. Essa ruptura é um movimento de heróica entrega da condução dos rumos da existência a um Outro. Este é o núcleo mais central da vocação cristã. Na verdade, trata-se de um núcleo excêntrico, já que é sempre Outro quem conduz o chamado e o processo. Resta àquele e àquela que é chamado deixar-se conduzir, manifestando a força divina dessa alteridade ali onde é maior e mais evidente a fraqueza humana.³² Se definirmos todo agir moral como um agir autônomo e responsável, por conhecimento e consciência³³

³¹ Para um aprofundamento da questão da substituição ver E. Levinas, **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**, Martinus Nijhoff, La Haye, 1974, capítulo IV: La substitution.

³² Ver G. Mathon, Sainteté, in **Catholicisme hier, aujourd'hui et demain** 61 (1992), p. 704. Ver também A.J. Festugière, **La Sainteté**, PUF, Paris, 1949, obra estruturada em torno da comparação entre o herói grego e o santo cristão.

³³ Ver F. Böckle, Fé e ato, in **Concilium** 47 (1976), p. 49.

o ideal da vocação cristã e a santidade concretamente vivida por tantos que a levaram às últimas conseqüências parecem estilhaçar o recipiente conceitual dessa definição.

A santidade é surda aos critérios pragmáticos das causalidades eficientes do agir, ao cálculo utilitarista das conseqüências de cursos de ação alternativos. Seu conhecimento é subvertido pela entrega amorosa a esse Outro por cujas mãos há que deixar-se, obedientemente levar. Seus frutos nascem em misteriosa imprevisibilidade: a certeza de não saber, nem poder saber a razão de fazer o que se faz e escolher e seguir determinado caminho. Mas, por outro lado, saber que se **deve** fazê-lo, porque se sente e se **saboreia esse sentir**, e que nesse dever fazer está presente o desejo e a vontade do Outro, que é o Senhor de toda vida humana.

O cristão, por força de seu batismo é, portanto, chamado a viver o amor/**ágape** até o nível do heroísmo. Até além dos imperativos passíveis de fixação jurídica: o mistério da loucura do amor, numa fidelidade perseverante e intensa que transforma a integralidade da pessoa, e ilumina a realidade que a rodeia. Sua vocação implica capacidade ilimitada de **paixão**, de ser "provado" até o fim, seja qual for a forma desse fim. Chegar a um tal nível de compromisso e fecundidade é longo e doloroso processo de vida, que se resume no combate espiritual: domínio progressivo do "santo" sobre o "não-santo", vitória do "Cristo que vive em mim", de

que nos fala Paulo de Tarso (Gl 2,19-20). Nesse processo o cristão se converte em **teóforo**, ou seja, alguém que tem sua natureza transformada na do Deus que o habita³⁴. Seu comportamento no mundo deve ser imagem fiel do comportamento do próprio Deus que é princípio e garantia da Verdade, do Bem, da Justiça.

Ainda que as hagiografias tradicionais acentuem um heroísmo admirável no exercício das virtudes éticas por parte dos santos, é necessário não perder de vista que a grandeza da santidade independe do reconhecimento social. Ela se situa em, e nos remete a, um horizonte mais amplo que o do exercício humano de virtudes éticas. Esse **mais** é o Mistério de Deus, vivido "... com uma exclusividade que é como um incêndio que a tudo consome"³⁵, o incêndio do inextinguível empenho por perfeição dos seguidores da Verbo que nos cobra: "... deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48), sem que percamos o sentido de nossa própria carência, imperfeição, pecaminosidade.

Conclusão: a santidade de toda vocação cristã

Hoje, portanto, não menos que ontem o cristão – seja ele clérigo, religioso ou leigo – é chamado a viver sua vocação sempre mais no meio do mundo. Mundo este que não é o mundo idílico, perfeito, completo e reconciliado que parecem descrever muitos dos modernos discursos. Pensamos, em particular, naqueles marcados pelo otimismo dos progressos e conquistas da modernidade, assim como

³⁴ Ver A.J. Festugière, op. cit., p. 114; ver também O. Clément, *L'Église, libre catholicité des consciences personnelles. Point de vue d'un théologien de l'Église orthodoxe*, in *Le Supplément* 155 (1985), pp 55-56.

³⁵ Ver W. Nigg, op. cit., p. 16.

nos que se encontram atravessados de lado a lado pela interpelação legítima mas nem sempre objetiva da questão ecológica. A inserção nas realidades temporais ou terrestres é específica para cada um e todos os batizados, podendo acontecer sob variadas formas mais ligadas a carismas pessoais.³⁶

No entanto, é em meio a este mundo que o cristão, - leigo, religioso ou sacerdote, - é chamado a viver o que se chama sua vocação, a descobrir o fato grande e ao mesmo tempo tão simples de que Deus é um Deus que se revela e, mais do que isso, que se deixa experimentar. Assim, ao mesmo tempo em que propicia que o homem sinta o gosto e o sabor de Sua vida divina, Deus entra por dentro da realidade humana, mortal e contingente, na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Experimentando-a visceralmente, até o fim, "aprende" de sua criatura o jeito de, pelo amor, "kenoticamente" despojado, viver cada vez mais seu modo próprio de existência que é o de ser o Deus Amor. A revelação de Deus em Jesus Cristo é, pois, o fundamento teológico da relação do ho-

mem com o mundo, pois concede dimensão crística a tudo que é criado e ressalta a dimensão cósmica da encarnação.³⁷

A esta experiência de Deus, fruto do dom pleno e radical do mesmo Deus, só pode suceder, por parte do cristão, a oblação total e radical da vida, único e mais precioso bem, em culto espiritual agradável a Deus. A entrega divina total só pode corresponder uma resposta e uma entrega igualmente totais por parte do ser humano. Quanto a esta exigência, não existe distinção de categorias, segmentos ou níveis de pertença dentro do povo de Deus. Oferecer-se inteira e totalmente, "oferecer seu corpo como hóstia viva, santa, imaculada e agradável a Deus" (cf. Rm 12,1) é o culto espiritual de todo e qualquer cristão, seja ele quem for e pertença ele a que estamento da organização eclesial pertença.³⁸ É, em suma, o fundamento de toda vocação que este ano vocacional não cessa de recordar a todos.

Endereço da autora:
Rua Almirante Salgado, 51 - Laranjeiras
22240-170 RIO DE JANEIRO - RJ

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Que sentimentos e questionamentos a reflexão sobre as águas despertou em você? Partilhe tudo isso com a sua comunidade.
- 2- A sua comunidade costuma refletir sobre o significado do batismo à luz dos textos do Novo Testamento? Que incidências essa reflexão tem na vida e missão da comunidade?
- 3- Como você e sua comunidade vêem a situação dos leigos na Igreja hoje? Que pode ser feito no seu contexto para ajudar a fazer avançar a reflexão e a prática da Igreja nessa dimensão?

³⁶ Cf. *ibid.* pg. 41.

³⁷ *Ibid.* pg. 39.

³⁸ Há que ver, a esse respeito, a frase do célebre jesuíta brasileiro Pe. Leonel Franca SJ, cujo centenário ora celebramos e que resume bem o que acabamos de dizer: "Com o absoluto não se regateia. Quem não deu tudo ainda não deu nada. Todo sacrifício tem que ser holocausto." V. tb. o que sobre isso diz B. FORTE, *op. cit.*, pg. 31 comentando *LG 10*.

Fome no mundo

PE. BERNARDO LESTIENNE, SJ

O projeto Fome Zero do novo governo deu no Brasil nova importância ao tema da fome. Não foi sempre assim, e desafortunadamente a vontade de lutar contra a fome não é destaque em muitos países, e muito menos nas instituições internacionais, a pesar de tantas declarações.

A nova prioridade dos países ricos não é tanto a luta contra o terrorismo que poderia ameaçar os seus privilégios quanto à vontade de ampliar e consolidar o seu predomínio econômico, político, ideológico e cultural e ampliar assim as suas riquezas.

O tema da fome é um tema urgente. Sempre o foi e o será. A fome de 800 milhões pessoas é uma mancha na consciência da humanidade, uma vergonha e um crime permanentes na nossa história.

É um tema complexo, como o deixa perceber as muitas resistências e obstáculos que já aparecem na realização concreta do projeto Fome Zero. É difícil mexer com os interesses dos privilegiados.

Mas a fome não é nenhuma fatalidade. É possível erradicar a fome no Brasil e no Mundo. Não é nada fácil. Precisa-se de muita determinação individual e coletiva, de vontade política e fortes motivações.

Alguns dados

Há abundância de alimentos no mundo, mas mais de 800 milhões passam

fome. Uma em cada sete pessoas não tem o que comer. E dois bilhões sofrem de carências alimentícias. Milhares de crianças morrem cada dia das consequências diretas ou indiretas de sub-alimentação permanente. As riquezas do mundo permitiriam uma situação totalmente outra.

Houve alguns avanços. No século XX a produção alimentar foi maior que o crescimento populacional. Houve progressos sobretudo nos anos 70 e 80, e menos nos anos 90. Há 30 anos, 30% da população do Terceiro Mundo (então de 2,6 bilhões de habitantes) passavam fome; hoje 17% da população do TM (4,5 bi) passa fome. O problema é que os 17% de hoje são numericamente equivalentes aos 17% de 1970. Nos dez últimos anos, 32 países conseguiram reduzir o número de famintos (70 milhões a menos na China), mas a situação piorou em 67 países.

Em 1996, a Cúpula de Roma tinha decidido de diminuir pela metade o número de subnutridos até no mais tardar 2015. Isso significava reduzir cada ano o número de pessoas desnutridas de 28,5 milhões. A realidade é que a redução só foi de 6 mi por ano entre 1991 e 1998. Trinta e dois países (alguns muito povoados como a China) registram uma diminuição do número de famintos mais rápida do que o objetivo marcado; no entanto, na grande maioria dos PVD, é a

estagnação; e em 67 países, o número dos desnutridos aumentou. A vontade política e a mobilização dos recursos indispensáveis faltam.

A sub-alimentação é grave entre as crianças, principalmente na África subsaariana e na Ásia do Sul. Mais de 180 milhões de crianças sofrem de atraso no crescimento por falta de alimentos, e nos PVD, 17% dos embriões sofrem de atraso no crescimento intra-uterino, como consequência das mães sub-alimentadas.

As Conferências Internacionais

Todas as Conferências internacionais sobre o desenvolvimento ou o comércio incidem na questão alimentar, mas algumas foram diretamente centradas sobre esse tema.

A 1ª Conferência Mundial da Alimentação foi em Roma – onde está a sede da FAO – em 1974. A resolução final começa assim: “Todos os governos deveriam aceitar, como objetivo de toda a comunidade internacional, a remoção da praga da fome e da desnutrição, que presentemente açoita a muitos milhões de seres humanos, e aceitar como meta, para a próxima década, que nenhuma criança vá esfomeada para a cama, que nenhuma família tema pelo pão de amanhã e nenhum ser humano veja o seu futuro e as suas capacidades paralisadas pela desnutrição”. Sem demorar, levantaram-se vozes declarando que isso era um ideal que não poderia ser alcançado tão rapidamente.

Em 1996, de novo em Roma, no ciclo das grandes Conferências ou Cúpulas da ONU para o desenvolvimento depois da

caída do muro de Berlim, reuniram-se representantes de 186 países, entre os quais 112 chefes de estado ou governo. Havia muita esperança. A Cúpula decidiu diminuir pela metade o número de subnutridos até, no mais tardar, 2015. Mas não houve programas de ação e de financiamento. Vimos que o objetivo requeria uma diminuição de 28,5 milhões de famintos por ano, e que dificilmente atingiu uma baixa de 6 milhões. Frustrou-se a esperança dos famintos.

Por razões de segurança, “Roma + 5” foi adiada de novembro 2001 a junho de 2002. O novo encontro de Roma foi um fracasso. Não se pôde discutir claramente as razões do atraso para alcançar o objetivo social de 2015. Apenas dois chefes de Estado do mundo ocidental apareceram. “É perda de tempo”, falou um ministro em Londres, porta-voz de Washington. Não houve novas medidas concretas para lutar contra a fome. Nem se garantiu o direito à alimentação para as pessoas, nem a segurança alimentar para os países..A nova prioridade do Ocidente era a luta do Ocidente contra o terrorismo. Pretexto fácil e barato para não fazer nada contra a fome. Houve em novembro de 2001 uma Conferência em Monterrey (México) sobre o financiamento do desenvolvimento. O principal resultado foi a “privatização do desenvolvimento”. O problema da fome devia ser combatido pela “lógica do mercado”.

Um dever moral

Não tem fatalidade. Alimentar significa proporcionar a cada indivíduo 2.600 calorias por dia; no atual estado das forças produtivas agrícolas, seria possível

alimentar sem problemas doze bilhões de pessoas. Em outras palavras, o problema da grave fome no mundo não é um problema técnico, mas antes de tudo um problema político e moral. É inaceitável uma economia mundial que relega ao não-ser a sexta parte da humanidade. Não podemos nos acostumar às estatísticas e considerar como natural o fato que todos os anos morrerem dezenas de milhões de pessoas por causa da subalimentação crônica e da fome aguda. Atrás dos números têm pessoas e rostos, têm o sofrimento e a angústia dos corpos e dos espíritos.

É um escândalo que a acesso ao alimento dependa do poder de compra. Quem tem dinheiro, come; quem não tem, morre lentamente de fome. Afirmar a autonomia da economia em relação à fome é absurdo ou, pior ainda, é um crime. É absurdo confiar a luta contra o crime de deixar tantas pessoas na fome ao livre jogo do mercado. Não haverá humanidade possível enquanto o flagelo da fome não desaparecer do nosso planeta. Condenar à morte todos os que não têm poder aquisitivo para comprar alimentos é uma forma perversa de Malthusianismo.

É uma degradação moral e humana manter a fome de muitos enquanto outros vivem na abundância ou na opulência. A fome é a negação do direito humano o mais elementar, que é o direito de viver; deve ser combatida com todas forças. O alimento é um "dom de Deus para todos", então "um direito para todos". Erradicar a fome e a miséria é um imperativo moral e ético da solidariedade mundial. A comunidade internacional tem grandes responsabilidades.

Algumas causas

Não é simples agarrar o fenômeno da fome. Ela é ao mesmo tempo causa e consequência da pobreza, e sabemos como esta última é também um fenômeno complexo multidimensional. Vejamos algumas traços desse mal, considerando sobretudo as dimensões políticas e econômicas.

"Faltou vontade política", disse o diretor da FAO, depois do encontro de Roma em junho de 2002. Ainda não tem consciência da dimensão planetária dos principais desafios que estamos enfrentando. O problema da fome não pode ser resolvido apenas a nível das nações. Ora, os países ricos, que têm em grande parte as rédeas do destino comum da humanidade em mãos, defendem antes de tudo, e quase que exclusivamente, os seus interesses e privilégios.

As grandes organizações internacionais têm falido à sua missão de promover o desenvolvimento integral de toda a humanidade. Analisando a prática dessas entidades, quem ainda acredita que o FMI, o Banco Mundial, a OMC ou o G-8 – e poderíamos mencionar muitos organismos da ONU – prosseguem o bem de todos? Perderam muita credibilidade. Controladas pelos países mais poderosos, se tornaram instrumentos para aumentar e consolidar um modelo concentrador e excludente que fortalece o seu domínio econômico e político. Para lutar de vez contra a pobreza e miséria, falta a vontade de partilhar as riquezas e o poder. A grande capacidade de estudos e propostas dos organismos internacionais não desemboca além dum enorme desperdício.

Uma das causas principais da fome é

a pobreza, resultado da profunda desigualdade na distribuição das riquezas do nosso planeta. A situação vai piorando: os ricos são mais ricos e os pobres mais pobres. O neoliberalismo, longe de reabsorver as desigualdades, as aumenta. Em 1960, 20% dos habitantes mais ricos do mundo desfrutavam de uma renda 31 vezes superior à dos 20% mais pobres; em 1998 a renda dos 20% mais ricos é 83 vezes superior à dos 20% mais pobres. A concentração avança em grande velocidade.

À concentração da riqueza corresponde uma concentração do poder. De um lado, um o poder político, econômico, ideológico, científico e militar ilimitado é exercido por uma escassa oligarquia transnacional, do outro, centenas de milhões de seres anônimos, sem ter voz nem vez, padecem a falta de vida, o desespero e o flagelo da fome. Uma oligarquia decide o destino da multidão. A massa de vítimas anônimas padece impotente na sua própria agonia. Só a brutalidade e voracidade de um regime de ideologias discriminatórias e de privilégios defendidos pela violência explica tal desigualdade entre os seres humanos. Dívidas Externas e Livre Comércio reforçam acentuam hoje a ruptura entre incluídos e excluídos.

Além de representar um instrumento de controle e dominação, a dívida externa, é um dos principais instrumentos de transferência de recursos dos países do Sul para o Norte. A dívida externa se tornou eterna, impagável. Em 1980, a dívida dos países do Sul somava 567 bilhões de dólares. Desde então, esses países pagaram mais de 3,5 trilhões de

dólares em juros, ou cerca de seis vezes o valor total. Apesar disso, essa dívida é hoje de aproximadamente 2,7 trilhões de dólares. Após a Segunda Guerra Mundial, a América Latina não tinha dívidas, mas hoje deve cerca de 1 trilhão de dólares—a mais alta dívida externa por habitante do mundo.

A OMC, criada em 1994, pretende acelerar os acordos de “livre Comércio”, principal motor da globalização. A nova ‘rodada’ mundial de livre comércio, começada em 2001 em Doha, deveria terminar em 2004. Teoricamente, a abertura irrestrita das fronteiras para multiplicar as trocas comerciais deveria ajudar os países do Sul a se desenvolver com a atração dos mercados do Norte. Na prática, a lei do mercado reforça os mais fortes e enfraquece os mais fracos. Os subsídios dos países ricos a sua agricultura criam um clima hostil ao desenvolvimento da agricultura dos países em desenvolvimento. Os países ricos do Norte consagraram em 1999 \$ 361 bi em subsídios para a sua agricultura, em quanto a ajuda para a agricultura dos países pobres era de apenas \$ 7,4 bi. Ou seja, só os subsídios dos países ricos são 48 vezes superiores à ajuda a todos os países pobres. O valor agregado de um trabalhador do Sul (+/- 200 dólares per ano) é menos de 1% do valor agregado dos produtores agrícolas do Norte. Sem proteção aduaneira os camponeses do Sul são incapazes de enfrentar a concorrência dos agricultores sobre-produtivos e subvencionados do Norte.

As exportações pelos países do Norte de trigo ‘barato’ gera subalimentação

no Sul que pretendem ajudar. O aumento massivo da agricultura pelos EUA no governo Bush foi recebido como provocação. Esses novos subsídios, por exemplo, fizeram baixar de 30% o preço do algodão do qual vivem mais de 1 milhão de pequenos produtores no Mali e no Burkina Faso. Com o Tratado de Livre Comércio das Américas do Norte, o México perdeu 800.000 pequenos produtores de milho incapazes de competir com o milho subvencionado dos EUA.

Aos poucos uma dúzia de **empresas transnacionais** da alimentação (Nestlé, Kellogg's, Yoplait, Bung-Borne, Ashton-Clayton, Kraft), uma meia dúzia de empresas transnacionais da biodiversidade e das sementes (Monsanto, Cargill, Vivendi) e de grandes empresas da água estão tomando conta do conjunto da cadeia produtiva e de distribuição dos produtos agrícolas. Essa concentração vai eliminando mais e mais pequenos produtores locais que, com uma ajuda apropriada, poderiam responder em grande parte aos desafios alimentícios.

Guerras e conflitos internos evidentemente são obstáculos fatais para o desenvolvimento local. A fome aumentou na Somália, República Democrática do Congo, Afeganistão, Iraque, Burundi, por exemplo. Mas aumentou também em outros países sem guerra, por falta de apoio adaptado aos pequenos produtores, como na Venezuela, Índia e Coreia do Norte, onde a fome aumentou na última década.

O materialismo como principal ou único horizonte de 'integração' social dificilmente nos leva a uma sociedade de solidariedade e partilha. O consu-

mismo cria necessidades novas, mesmo que supérfluas. A acumulação das riquezas, a multiplicação dos sinais externos de riqueza e a busca contínua de mais conforto não nos abrem espontaneamente - muito pelo contrário - às necessidades, mesmo que primordiais, dos nossos próximos.

Algumas consequências da fome

O custo econômico e social da fome é exorbitante tanto para os indivíduos como para as sociedades. A má-nutrição leva à doença ou à morte. Muitas famílias usam o pouco que têm para gastos de saúde. A fome limita as capacidades de conhecimento das crianças e as forças de todos os que melhor poderiam lutar contra ela. Ela abafa a produtividade no campo e impede as pessoas de explorar suas capacidades naturais; freia o crescimento econômico, e retira aos países os meios de alcançar um desenvolvimento aceitável. Sem subnutrição e mal-nutrição, o PIB por habitante na África podia ter sido ao redor de 2500 dólares em 1990, enquanto não alcançou 800.

O Aids que se propaga com velocidade nas regiões rurais dos PVD coloca a segurança alimentar em perigo. A pandemia já eliminou sete milhões de trabalhadores entre 1988 e 2002 nos 25 países os mais atingidos, e 16 outros milhões poderiam morrer nos 20 próximos anos. Alguns países poderiam perder até um quarto de sua mão-de-obra agrícola.

A fome muitas vezes não é o resultado senão a fonte de muitos conflitos. Influi sobre as migrações para as cidades e para a emigração. Uma pes-

soa com fome pode fazer qualquer coisa. Combater a fome é contribuir para a estabilidade e segurança de todas as sociedades.

Pistas de superação

Não tem panacéia. Não tem soluções milagrosas na luta contra a fome. O caminho não é simples; trata-se de um desafio global, de muitas dimensões. Os principais obstáculos não são tanto de ordem técnica ou financeira, mas política e moral. Os resultados são possíveis se os países e a comunidade internacional traduzem os seus compromissos em ações concretas. A resistência é forte quando se procura chegar a uma melhor distribuição da riqueza. É difícil mexer com os privilégios dos ricos. No entanto, não falta o apoio dum boa parte da opinião pública e de muita gente de boa vontade. O combate pode ser difícil, o apoio da opinião pública e de gente de boa vontade não falta.

Não são primeiro os organismos internacionais ou os países ricos que vão resolver os problemas da fome, senão os próprios famintos e povos pobres, com a ajuda necessária de toda a sociedade, dos governos e dos organismos internacionais. O risco é de querer pôr a carroça antes dos bois. Os famintos são os primeiros atores da sua libertação, e sem eles não se chegará a nenhum resultado durável. Para o famoso economista Amartya Sen (prêmio Nobel de economia 1998), os pobres não conseguem sua chance por falta de ter a liberdade de se desenvolver. Eles estão barrados no processo de libertação. Trata-se, pois, de criar as condições dum

processo de 'empoderamento'. As milhares de micro-experiências alternativas de trabalho, de produção, de auto-responsabilização são os caminhos mais certos de erradicação da fome. Não faltam formas de apoio e solidariedade de parte de muitas pessoas e organizações voluntárias que acreditam nas capacidades e nos valores dos pobres e dos povos. O trabalho lento e progressivo na base, com os próprios interessados, liberta imensas faculdades e potencialidades. Trata-se claramente de uma luta política, de uma imensa obra de educação e organização popular e cívica.

Esse esforço desde os interessados precisa, no entanto, do apoio de toda a sociedade e dos recursos técnicos e financeiros de governos e entidades internacionais. Só a mobilização das opiniões públicas a nível nacional e mundial pode questionar a falta de vontade política das estruturas governamentais públicas e conseguir o seu envolvimento com todos os seus recursos ao lado dos pobres. Não sendo dominados, roubados e pilhados pelos países ricos, os países pobres teriam as condições de sair da escravidão. Já na declaração da cúpula de Roma em 1974, os países em desenvolvimento clamavam pelo controle dos seus próprios recursos naturais, por preços justos e mercados livres para suas exportações, pelo aumento da ajuda ao desenvolvimento, livre de condições políticas ou militares, e por uma reforma do sistema monetário para assegurar um adequado fluxo de recursos para o desenvolvimento. Mas as nações ricas resistem e negam-se a fazer concessões significativas.

Parece-nos que são duas as prioridades na luta contra a fome: criar o trabalho para os próprios famintos e redistribuir as riquezas nacionais e mundiais. Hoje, três quartos dos que têm fome são pequenos agricultores extremamente pobres. A estratégia comum de redução da pobreza e de criar o acesso a uma alimentação adequada passa pelo reforço da agricultura nos países do Sul. A agricultura é uma prioridade. A maioria dos mal-nutridos depende dela. Em 1999, 60% da população dos países pobres vivia em meio rural, e a parte da população ativa no campo era também de 60%. Em muitos países com uma alta taxa de sub-alimentados, a agricultura representa mais de 25% do PIB, e assegura a subsistência de 70% dos pobres. Os excluídos das grandes cidades vêm do campo onde não conseguiram assegurar sua subsistência. O fato que muitas famílias do campo produzem sua alimentação, mesmo que insuficiente, evita as transferências massivas para as grandes cidades, com todos os desafios sociais conexos. O Brasil tem 82% da sua população urbanizada e os campos estão vazios. Muitos alimentos poderiam ser produzidos pelas 5 milhões de famílias sem terra. Sem reforma agrária, o projeto Fome Zero ficará inacabado. A China está muito preocupada com os 240 milhões de rurais muito pobres que poderiam ir para as cidades se deixassem sua terra.

Os países do Terceiro Mundo necessitam de ajuda urgente para suas infra-estruturas. Não têm capital para estradas, açudes e poços para a irrigação, para novas sementes, para criar reservas alimentícias e preparar técnicos

agrícolas. No Terceiro Mundo, o rendimento médio dos cereais não chega a um quarto do rendimento nos países do Norte. Há muitas reservas de terras não cultivadas por falta de investimentos adequados. A FAO estima que só 700 milhões de hectares são explorados nos países em vias de desenvolvimento e que esta cifra poderia ser multiplicada por dois nos próximos dez anos.

Enquanto as nações mais ricas hão de aumentar sua ajuda, facilitar a transferência Sul-Sul de tecnologias apropriadas, reduzir o peso das dívidas, abrir os mercados, não praticar o dumping dos bens alimentícios excedentes e assegurar termos de intercâmbio mais equitativos, os países mais pobres deveriam dedicar uma parte suficiente do seu orçamento aos camponeses pobres, implementar políticas que beneficiam a produção agrícola, em particular o controle da água, estimular os investimentos privados locais, facilitar o acesso à terra, aos conhecimentos, aos recursos materiais básicos, aos mercados, créditos, e ajudar em particular as mulheres. Todos concordam: é necessário investir mais na agricultura dos países em desenvolvimento; ela é um setor estratégico da sua economia. Mas, com muita hipocrisia, os países ricos e as entidades internacionais têm reduzido suas ajudas para esse setor e promovem políticas que abafam qualquer possibilidade de crescimento deste setor.

Querer mudar as estruturas que mantêm dois terços da humanidade em condições de subalimentação e pobreza significa buscar uma nova ordem internacional e novas relações mais justas en-

tre os países e dentro deles. O sonho dos anos 70 parece longínquo. A opinião pública internacional e as sociedades civis dos Estados podem reconstruí-lo. Já é tempo de "acabar com a estúpida ideologia neoliberal que deslumbra a maioria dos governos dos países ocidentais". Os mecanismos da economia mundial deveriam submeter-se a este imperativo primordial: vencer a fome, alimentar convenientemente todos os habitantes do planeta. Já é tempo de construir uma autoridade mundial multilateral que possa indicar os caminhos do bem comum mundial.

Perspectivas Espirituais e Teológicas

No Congresso Eucarístico de Filadélfia, em 1976, o padre Pedro Arrupe, então superior geral da Companhia de Jesus, fez duas palestras que ficaram famosas sobre: "Eucaristia e fome no mundo" e "Fome de pão e do Evangelho". Vinte sete (27) anos depois, esses documentos guardam uma força e sabor proféticos que nos ajudam, como, cristãos para considerar e entender o problema da fome. Apresento aqui apenas algumas idéias da segunda palestra.

Resumo: "Se em alguma parte do mundo há fome, nossa celebração da Eucaristia fica de algum modo incompleta em todas as partes do mundo... Na Eucaristia recebemos a Cristo faminto no mundo. Cristo não vem a nós sozinho, mas com os pobres, os oprimidos, os que morrem de fome na terra. Não podemos receber dignamente o Pão da Vida, se ao mesmo tempo não damos pão para que vivam aqueles que dele

necessitam, sejam quais forem eles e onde quer que estejam".

Por uma nova ordem internacional: o Pe. Arrupe se refere ao início da Declaração da Conferência mundial sobre a alimentação que já citamos. A meta que "nenhuma criança vá esfomeada para a cama, que nenhuma família tema pelo pão de amanhã e nenhum ser humano veja o seu futuro e as suas capacidades paralisadas pela desnutrição" deve ser assumida com todas as nossas forças. No caso contrário estaríamos dando as costas à civilização e preparando um mundo de rapacidade, egoísmos, ódios e violência.

Vivemos numa profunda desordem mundial: continuar a produzir armas cada vez mais sofisticadas, em vez de realizar programas de luta contra a fome e miséria é "um escândalo intolerável, uma desgraça universal, pela qual as gerações futuras poderão colocar-nos no pelourinho".

Estruturas e povos: não se pode mudar uma situação tão injusta só mudando as estruturas e instituições; é necessário também transformar a nossa mentalidade e a das nossas sociedades. Um modelo de desenvolvimento que está exclusivamente no crescimento material, não pode produzir uma sociedade justa e equilibrada. O verdadeiro desenvolvimento tem que ser integral e completo, considerando todas as dimensões do ser humano e da sociedade. E esse desenvolvimento integral requer a conversão das estruturas e dos homens.

A dimensão social da Eucaristia: perdemos de vista a compreensão intrin-

secamente social da fé dos primeiros cristãos e dos Padres da Igreja. Enquanto houver sofrimento, opressão, injustiça ou fome em qualquer parte do mundo, não podemos fechar os olhos e ficar indiferentes, pois é Cristo quem está sofrendo, o próprio Cristo que recebemos na Eucaristia. A Igreja nunca manteve que o direito de propriedade seja absoluto, sem condições; o princípio absoluto é o destino universal de todas as coisas criadas e o direito de cada indivíduo de possuir o que é necessário para si e sua família. O que temos e não precisamos não nos pertence realmente; pertence à pessoa necessitada; é ela verdadeira dona.

Conversão radical: temos que examinar a distância entre as nossas palavras e as nossas atitudes concretas. As pessoas estão fartas de declarações. Tem um abismo entre os que têm tudo e os que não têm nada. Presenciamos uma maré de consumismo, que ameaça afogar-nos e ao mesmo tempo submergir o mundo nos seus próprios resíduos.

Que fazer? Os pobres e famintos estão esperando a nossa ação. A batalha contra a fome pede o compromisso de todos nós. Ajudar o irmão faminto não significa repartir só o que sobra, mas que estamos dispostos a nos privar de algo de que necessitamos. O trabalho de as-

sistência já não basta. Os pobres e esfo-meados precisam de um apoio ativo em sua legítima luta contra todas as formas de opressão e injustiça. Nosso compromisso eucarístico nos convoca a uma nova forma de solidariedade, a uma identificação mais profunda com os necessitados.

Uma comunidade de amor: a comunidade eucarística dos primeiros cristãos foi antes de tudo uma comunidade de amor. Tratava as pessoas não como instrumentos que se usam, mas como pessoas que se amam. Esse espírito de amor deveria assinalar e inspirar todas as nossas ações a favor da justiça. Não há caminho fácil e sem dor para resolver os problemas do mundo. Sem o amor, vãos serão todos os nossos esforços para alimentar os famintos e edificar um mundo melhor. O amor é a única condição prévia essencial para uma nova ordem mundial.

Pe. Bernardo LESTIENNE, SJ - CIAS-IBRADES, Brasília
- Coordenador da Rede Internacional dos Jesuítas para o Desenvolvimento.

Endereço do autor:

Centro Cultural de Brasília

Caixa Postal 02373 Cep 70849-970 Brasília - DF

E-mail: blestienne@cbb.org.br

Referências:

Jacques Diouf: Vencer a fome; Le Monde Diplomatique, Junho de 2002.

Pe Pedro Arrupe: Fome de Pão e Evangelização; Fila-délfia, 1976.

CNBB, Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome, 2002.

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- A problemática da fome no mundo preocupa você e sua comunidade? Por quê?
- 2- Que gestos concretos podem ser realizados pelas comunidades religiosas em resposta a esse grande desafio?

CRB: Jubileu de Ouro

1954-2004

Elementos para sua história¹

FRÁTER HENRIQUE MATOS

Nesta despretenhosa palestra abordaremos o nascimento da nossa CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), contextualizando-a na Igreja e na sociedade brasileira. Abrangeremos um período de aproximadamente 30 anos que vai globalmente de 1950 a 1980.

Tratando-se de uma simples conferência comemorativa manter-nos-emos numa descrição geral e dispensaremos o aparato técnico de citação detalhada das fontes.

Nossa CRB-Regional de Belo Horizonte está em festa! Neste dia queremos expressar publicamente a gratidão de todos nós, religiosos e religiosas, fazendo uma alegre Ação de Graças. Aproveitamos também este momento para refletir sobre a caminhada da Vida Religiosa (VR) no nosso país, a partir de seu órgão animador e coordenador que é a CRB. Deveras, é tempo de festa e de reflexão para intensificar o processo de refundação da VR, na vivência do testemunho, da profecia e da esperança.

Belo Horizonte tem algo a dizer aos religiosos do Brasil. Desde a fundação da cidade (1897) é marcante a presença de religiosos na construção da Igreja local

da Arquidiocese (erguida em 1922). Atualmente temos na capital mineira uma grande concentração de religiosos e religiosas com os mais variados campos de apostolado. Particularmente no setor da formação nossa cidade se destaca. Há dois Institutos Superiores de Filosofia e Teologia mantidos e dinamizados por religiosos: o ISI (Instituto Santo Inácio), da Companhia de Jesus, e o ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino), iniciativa de diversas Ordens e Congregações.

Passaremos ao conteúdo específico da nossa contribuição nesta abertura do Ano Jubilar da CRB em Belo Horizonte.

A primeira pergunta que se coloca é: qual foi o contexto histórico da fundação da CRB? A resposta a esta questão ajudar-nos-á a entender melhor a razão da criação deste órgão e seus passos iniciais.

1. O contexto internacional da época

Olhando o mundo ocidental em meados do século XX encontramos uma Europa em reconstrução após o abalo causado pela II Guerra Mundial (1939-1945). Começa a acentuar-se cada vez

¹ Palestra proferida por Fráter Henrique Cristiano José Matos, cmm, na Abertura do Ano Jubilar da Regional-Belo Horizonte, no dia 16 de agosto de 2003.

mais a polarização entre as duas potências hegemônicas: os EE.UU, com sua ideologia capitalista, e a União Soviética com seu ideário marxista. Existe um profundo antagonismo entre os dois blocos de poder que entrou na história como "guerra fria", uma constante ameaça para a paz duradoura.

No Velho Mundo novos valores sociais estão sendo testados na época. Implantam-se regimes democráticos e cresce uma verdadeira obsessão pelo bem-estar material da população. O anti-comunismo torna-se uma poderosa arma nos países sob a direta influência do capital americano. Um inegável processo de secularização marca os anos pós-guerra no Continente europeu. Cresce a consciência política dos povos ocidentais junto com atitudes críticas em relação a Instituições que até pouco tempo antes gozavam de incontestável confiança., inclusive a Igreja Católica.

Os anos 50 constituem também a fase final do pontificado de Pio XII (1939-1958), época caracterizada por fortes tensões claramente perceptíveis no interior da Igreja. Os movimentos de renovação ganham fôlego, buscando uma refontização da fé cristã. Destacam-se a investigação científica da Bíblia e a redescoberta dos Santos Padres. Aumenta o interesse pelo movimento litúrgico que incentiva a participação ativa dos fiéis, superando o ritualismo. Os leigos conquistam maior espaço na Igreja principalmente através da Ação Católica, iniciada já em 1922 por Pio XI, mas especializando-se após a Guerra conforme o meio no qual vive e atua o acista. Particular desenvolvimento terão a JUC (Juventude Universitária Católica)

e a JOC (Juventude Operária Católica). O ecumenismo, movimento que busca a unidade dos cristãos de diversas denominações, começa a ter maior ressonância na Igreja Católica. Assistimos nesses anos a um renovado impulso missionário "ad gentes", dentro do novo contexto de descolonização o que vai exigir posturas diferentes por parte dos missionários, colocando o desafio da inculturação da fé. A DSI (Doutrina Social da Igreja), iniciada oficialmente com a Encíclica "Rerum Novarum" (1891) de Leão XIII, reclama por uma atualização para atender a novas problemáticas do operariado pós-guerra.

Novas abordagens teológicas questionam os velhos manuais de teologia dos seminários. Destaca-se a "Nouvelle Théologie" que pensa a fé a partir do novo contexto histórico. Pessoalmente o Papa está convencido da necessidade de profundas reformas para a Igreja poder desenvolver sua missão numa sociedade em rápida mudança. Sua prudência e as pressões provenientes da Cúria Romana o fazem constantemente hesitar quanto ao caminho a tomar, inclinando-se para a defesa da tradição. Assim, em meados do Ano Santo de 1950 publica a Encíclica "Humani Generis" para frear os movimentos de vanguarda no campo filosófico e teológico. Insiste na imprescindível disciplina eclesiástica e na obediente submissão dos católicos às orientações do Magistério. Nas alocações denuncia sempre o onipresente "perigo comunista". No mesmo ano em que é proclamado o Dogma da Assunção de Nossa Senhora (1º de novembro de 1950) Pio XII convoca na Cidade Eterna um **Congresso Internacional de Reli-**

giosos, de 26 de novembro a 7 de dezembro, tendo em vista “a renovação dos estados de perfeição acomodada aos tempos e condições presentes”. As reflexões e os debates deste importante certame focalizam a renovação da vida e da disciplina dos religiosos, a formação de seus membros e os respectivos campos de apostolado. Os critérios básicos que orientam as reflexões foram sintetizados no lema: “Nossa renovação adaptada deve ser tal que nos leve, com fidelidade filial, a fazer, em ascética, em formação e em apostolado, tudo aquilo que nossos Santos Fundadores, precursores em seus tempos, generosos e audazes, teriam feito e fariam, se voltasse a se colocar à frente de nosso Instituto”.

A repercussão do Congresso foi grande e fez que em muitos países se realizassem experiências similares, como aconteceria no Brasil quatro anos mais tarde.

2. O contexto do Brasil em meados do século XX

Em fins do ano de 1950 é eleito presidente constitucional Getúlio Vargas, reconduzido ao cenário político após seu afastamento como ditador em 1945 (“Estado Novo”, 1937-1945). Defendia um declarado nacionalismo com desenvolvimento econômico a partir da industrialização. Promoveu a monopolização estatal do petróleo. A oposição crescente ao presidente Vargas o levou finalmente ao suicídio a 24 de agosto de 1954. Após o governo transitório de Café Filho, que fora vice-presidente de Vargas, assumiu a presidência Juscelino Kubitschek, por um período de cinco anos (1956-1961). Lançou o “Plano de Metas” que deveria

proporcionar um progresso de “50 anos em 5”! Símbolo deste avanço era a nova Capital Brasília construída no Planalto Central. Juscelino incrementou sobremaneira a indústria, privilegiando o setor de bens de consumo duráveis, como é o caso da indústria automobilística. Com o apoio explícito da Igreja deu início à SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em 1959. A política desenvolvimentista de Kubitschek desencadeou grande entusiasmo na Nação mas seu débito social pesaria negativamente sobre a população nos anos seguintes.

Em 1961 o nosso país foi governado por oito meses pelo presidente Jânio Quadros que usou uma vassourinha como símbolo de sua atuação, querendo com isso indicar a firme decisão de acabar com a corrupção e a desonestidade dos homens públicos. Após sua brusca renúncia, assumiu o governo seu vice, João Goulart (1961-1964). O país experimentou uma reforma constitucional que inaugurou o regime parlamentarista (2-9-1961) a fim de reduzir os poderes do presidente acusado de esquerdista. As tensões sociais cresceram assustadoramente e por toda parte ouviam-se clamores por “reformas de base”, tendo seu epicentro na “reforma agrária”. Houve confronto entre os dois grupos antagonicos da sociedade: de um lado o movimento rural, que tinha nas Ligas Camponesas de Francisco Julião (1915-1999) sua ala mais radical, de outro, os latifundiários que não permitiam qualquer alteração nas suas posses de terra.

O sistema parlamentar mostrou-se ao longo dos meses inadequado para a re-

alidade específica do Brasil daquele tempo. Um plebiscito de 6-1-1963 fez o país voltar ao regime presidencialista.

A radicalização das reivindicações populares exigindo reformas sociais mais abrangentes e profundas chocou-se frontalmente com as elites no poder. As greves se multiplicavam e o clima político ficou muito carregado. Pressionado pela esquerda e desafiado pela direita, Goulart afirmava que só o povo poderia fazer as reformas necessárias. A reação dos "donos do poder" não tardou. As forças conservadoras se manifestavam pela vertente religiosa quando senhoras católicas de São Paulo promoveram a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", contra o que se chamava a esquerdização do governo. Iniciativa semelhante se repetiu no Rio de Janeiro. No dia 31 de março de 1964 as Forças Armadas articularam o golpe de Estado que afastou Goulart do poder e implantou o regime militar.

Qual era a situação da Igreja Católica nos anos 50 do século XX?

Em 1942 morrera Dom Sebastião Leme (1882-1942), incontestavelmente o líder da Igreja no Brasil dos anos 20 e 30. Sob o dinamismo deste Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro a Igreja reconquistou seu espaço na vida pública numa perspectiva de neo-cristandade. Em 1934 conseguiu incorporar suas "reivindicações" na segunda Constituição republicana, mantendo-as formalmente garantidas durante o "Estado Novo" (1937-1945). Com a morte de Leme veio um certo vazio na liderança da Igreja só preenchido dez anos mais tarde já não mais em termos personalistas, mas de forma colegiada através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Em meados do século XX a Igreja no Brasil apresenta sinais inequívocos de uma nova caminhada. Neste processo de renovação interna destaca-se a revitalização da Ação Católica que introduz nos seus quadros a especialização segundo "os meios". Não obstante críticas e reações fortemente conservadoras, notamos nesse período significativos avanços nos quadros da Igreja, particularmente no campo litúrgico, catequético e social. No governo de Kubitschek setores expressivos da Igreja se alinham com a política desenvolvimentista do governo federal. Assim a Igreja terá participação direta em projetos de promoção e conscientização do homem rural. Não só participa mas ela mesma toma iniciativas de grande alcance para o futuro. Basta lembrar o "Movimento de Natal", começado já em 1958, e o MEB (Movimento de Educação de Base), alguns anos depois. Há toda uma euforia de a Igreja poder efetivamente contribuir para um Brasil novo e próspero!

Neste contexto Dom Hélder Câmara (1909-1999), com apoio explícito do Núncio Apostólico e do Subsecretário de Estado do Vaticano, Monsenhor Montini (o futuro Paulo VI), articula a fundação da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), a 14 de outubro de 1952. O objetivo do novo organismo é claro: unir os bispos entre si numa visão de colegialidade episcopal e co-responsabilidade pastoral. Antecipou-se na realidade uma das grandes aspirações da eclesiologia do Vaticano II, Concílio convocado por João XXIII dez anos mais tarde. Neste clima novo de diálogo e mútuo entendimento os Planos de Pastoral desenvolvidos pela CNBB terão um

papel fundamental na renovação da Igreja no nosso país a começar pelo "Plano de Emergência" lançado em 1962, às vésperas do 21º Concílio Ecumênico.

3. Chegamos agora à situação da Vida Religiosa Consagrada no Brasil nos anos 50 do século XX.

Desde o período colonial a presença de religiosos no Brasil é indiscutível. Aliás, não podemos entender a História da Igreja em nosso país sem explícita referência aos religiosos e às religiosas. Com o advento da República a importação de religiosos "estrangeiros" se torna prática corrente. Muitos deles estão declaradamente a serviço da implantação de uma Igreja romanizada dentro de um projeto de neocristandade. Normalmente as Congregações atuam independentemente umas das outras. Há até rivalidades pouco edificantes entre as diversas Famílias Religiosas. Não é incomum encontrarmos nos quadros da Vida Consagrada deste período o cultivo de um "splendid isolation" dentro da própria Instituição.

Desde a promulgação do Código de Direito Canônico de 1917 a Vida Religiosa oficial se encontra fortemente centralizada e rigorosamente enquadrada numa legislação que dava pouco espaço para novidades. O que prevalecia era a uniformidade que se manifestava exteriormente na variadíssima indumentária religiosa e costumes não raras vezes anacrônicos. Em geral reinava nos conventos um ambiente sacral com nítida segregação da sociedade "profana".

Em meados do século XX a situação dos religiosos no Brasil era a seguinte: havia 183 Institutos religiosos femininos e 72

masculinos, num total de 255 entre Ordens, Congregações e Institutos Seculares, que se distribuíam em 234 províncias de religiosas e 132 de religiosos, totalizando 366 províncias, incluindo também as vice-províncias e mosteiros autônomos. Eram 3851 as casas religiosas, 2563 femininas e 1288 masculinas. Nessas unidades viviam e trabalhavam 26.000 irmãs, 3.000 irmãos e 6.910 religiosos presbíteros, perfazendo um total de 35.910 religiosos. Congregações religiosas fundadas no Brasil eram 40.

Tendo em vista os resultados animadores do Congresso Internacional de Religiosos, realizado em Roma, no ano 1950, e estimulados pela criação da CNBB, dois anos depois, cresce também entre os religiosos brasileiros o desejo de maior aproximação. Na realidade é de Roma que vem a iniciativa de organizar no Brasil um Congresso Nacional de Religiosos. Figura-chave na preparação foi o salesiano Padre Irineu Leopoldino de Sousa. Dom Jaime de Barros Câmara (1943-1971), Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, foi encarregado dos preparativos formando uma Comissão Executiva de provinciais residentes na então Capital Federal. A Sagrada Congregação dos Religiosos de Roma, na pessoa de seu prefeito, Cardeal Valerio Valeri, deu todo apoio à iniciativa. O Congresso teve lugar na cidade do Rio de Janeiro de 7 a 13 de fevereiro do ano de 1954, tendo como objetivo central a atualização da Vida Religiosa e a articulação de seu apostolado. A temática do Congresso girou em torno de três eixos: o ideal da VR perante as novas condições da vida moderna; vocações e formação; os campos

do apostolado. Da parte da Sagrada Congregação para os Religiosos se fez presente seu secretário, Padre Arcádio Larraona, e da parte da CNBB, Dom Hélder Câmara, secretário geral da Conferência episcopal.

Interessante saber que os trabalhos em plenário se desenvolveram em locais diferentes para homens e mulheres religiosos.

Uma das finalidades específicas do Congresso era promover uma maior aproximação e unidade entre as diversas Famílias Religiosas presentes no Brasil. A Comissão Executiva elaborara neste sentido um ante-projeto de Estatuto para um organismo permanente que poderia garantir a realização deste objetivo.

Cada congressista tinha recebido uma cópia deste documento já no primeiro dia dos trabalhos. Autor e relator do ante-projeto, na Comissão do Congresso, foi Padre Irineu. Lemos na Ata de Fundação da CRB: "Os critérios que presidiram a nossa elaboração foram os seguintes: : Não legislar primeiro e depois fazer, mas seguir o caminho contrário, que foi sempre o de todos os fundadores religiosos. Criar a Conferência, com o mínimo indispensável de disposições estatutárias em sua carta fundamental, e pô-la em movimento. As circunstâncias e oportunidades é que irão corporificando seus estatutos. Por isto mesmo o ante-projeto, na maior simplicidade e sobriedade das linhas mestras da organização se resume apenas a 14 artigos..."

Em sessão especialmente reservada aos 53 Superiores Maiores, presentes no Congresso, examinaram detalhadamente

o projeto. No dia 10 de fevereiro o texto dos Estatutos foi levado ao plenário para votação, tendo sido aprovado com ligeiras emendas. No artigo 2º declara que a Conferência tem por finalidade precípua a coordenação e articulação das diversas comunidades religiosas, o estudo dos problemas e criação de serviços de interesse comum, visando uma colaboração mútua sempre mais eficaz.

A primeira Diretoria, com mandato de três anos, constava de 7 religiosos, sendo Dom Martinho Michler (1901-1988), Abade do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, eleito presidente (ele será sucessivamente reconduzido ao cargo até 1965), e o Padre Irineu Leopoldino de Sousa, secretário-geral, personalidade com invulgar capacidade de trabalho e de organização, que marcará profundamente a fisionomia técnica e jurídica da CRB nos primeiros seis anos de sua existência.

No dia **11 de fevereiro do ano de 1954**, na festa litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes, dentro do Ano celebrativo do Centenário do Dogma da Imaculada Conceição (1854), a nova Diretoria tomou posse. Esta data é considerada a fundação oficial da CRB.

Nos Estatutos aprovados são mencionados oito Departamentos, ou seja, órgãos operativos da nova Conferência: o jurídico; de estatística (núcleo do futuro CERIS, Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), confiado à Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado; de educação e ensino (que na realidade funcionaria através da já existente AEC, Associação de Educação Católica); de catecismo (que posteriormen-

te daria espaço ao ISPAC, Instituto Superior de Pastoral Catequética); de assistência à saúde (operando através da "União de Enfermeiras Religiosas do Brasil"); de serviço e assistência social; de obras diversas; e, finalmente, de missões populares (posteriormente transformado no "Departamento de Pastoral").

Com data de 26 de março de 1955 a Sagrada Congregação para os Religiosos expediu o Decreto de aprovação canônica dos Estatutos da CRB. Interessante notar que desde suas origens a Conferência dos Religiosos do Brasil se via a si mesma não como um organismo puramente jurídico de Superiores Maiores, mas como serviço prestado a todos os religiosos e religiosas do Brasil.

Na Ata de Fundação da CRB já se observara: "Os estatutos projetam uma organização única, com uma única diretoria, para religiosos e religiosas. Oportunamente os dois ramos poderão ter cada qual sua diretoria própria, que se articulará com a outra num conselho superior comum. Agora, nos incídeos, é mais conveniente uma organização só, para dar-lhe mais pujança".

Conferência "única" era uma exceção na época. Em geral existiam nos outros países duas Conferências de Religiosos distintos, quando não três, com uma especialmente para os Irmãos, relacionando-se institucionalmente mediante um Conselho Superior. Era este o modelo preferido por Roma durante muito tempo.

No artigo 14 dos estatutos originais é formulado como se entendia, em 1954, o papel próprio da CRB: "As determinações da Conferência terão o caráter de orientação e coordenação, de conside-

rável força moral, e por isto serão acatadas por todos os membros, no intuito de se alcançar eficaz unidade de ação".

A descentralização da CRB já deu seus primeiros passos no ano imediatamente posterior à fundação, inicialmente por Estado da Federação. A primeira "seção estadual" surgiu em Salvador da Bahia. A de Belo Horizonte data de 3 de abril de 1957, sendo seu primeiro presidente o Padre Joaquim Parreira, barnabita. Naquele ano havia no Estado de Minas Gerais 420 casas de religiosos e religiosas. Na reunião da Diretoria da CRB-mineira, de 4-8-1957, falou-se sobre a conveniência de criar Núcleos nas diversas partes do Estado a fim de atingir mais realisticamente as bases da Vida Religiosa em Minas.

Na Assembléia da CRB Nacional de 1965 a divisão por Estado foi substituída pela regionalização da Conferência, seguindo nisso o modelo geográfico já adotado pela CNBB, na esperança de esta semelhança poder contribuir para aprimorar o entendimento e o entrosamento das duas Conferências.

Em julho de 1955 - com antecipação de meio ano a fim de fazer coincidir a época com a realização do Congresso da AEC - teve lugar, em São Paulo, o II Congresso dos Religiosos do Brasil, tratando especificamente do tema da colaboração entre os religiosos e religiosas por um lado, e a paróquia e diocese por outro. Esteve presente o Cardeal Valério Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, de Roma. O Congresso serviu para intensificar a aproximação dos religiosos do nosso país, numa comunicação de suas aspirações, métodos e propósitos. O even-

to funcionou em duas grandes seções separadamente para os homens e as mulheres. Nas "resoluções finais" consta: "Criar, no quadro geral da Conferência dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil uma seção especial para as Congregações de Irmãos". Também ficou decidido que anualmente haveria um encontro de Superiores ligados à CRB.

Na III Assembléia anual dos Superiores Maiores (de 20 a 23 de julho de 1959) procedeu-se a uma revisão dos estatutos da CRB, omissos na questão do movimento financeiro da Conferência, que se tinha avolumado bastante naqueles anos. A Diretoria propôs a criação de um Conselho Administrativo como órgão fiscalizador, composto de 5 provinciais com a incumbência de examinar anualmente os balanços e contas. Na ocasião foram criados novos Departamentos: de Imprensa, de Vocações e de Formação Religiosa. O das Missões passou a ser denominado Departamento de Pastoral. Nas eleições para a nova Diretoria, uma vez que terminara o triênio, o Padre Irineu Leopoldino de Sousa foi substituído pelo redentorista Padre Tiago Cloin, que nos últimos anos tinha sido sub-secretário da CRB Nacional.

Na IV Assembléia anual dos Superiores Maiores (1960) foi abordado um tema de grande relevância naqueles anos: "O recrutamento entre o elemento de cor". Lê-se no relatório: "As pessoas de cor constituem no Brasil 36% do total da população e continuam, no entanto, quase ausentes em todas as categorias de Religiosos. Esse fato é devido a várias circunstâncias, com suas conseqüências biológicas, sociais e psicológicas, mas

parcialmente também a persistentes preconceitos raciais, eventualmente inconscientes, da parte dos religiosos. Na categoria de religiosos sacerdotes, apenas 2,54 % são de cor, na de Irmãos leigos de Institutos clericais 6,11%, na de Irmãos de Institutos não clericais 0,58%, na de Religiosas Coristas 3,28%. Apenas a categoria das Religiosas Conversas [de atividades manuais e domésticas] faz exceção, constituindo o 41,6%". Em 5 pontos os participantes resumiram sua visão sobre a questão terminando com as palavras: "O recrutamento entre o elemento de cor deve ser corajoso, mas prudentemente estimulado".

Por ocasião desta reunião é ventilada também a criação de um Instituto psico-pedagógico de orientação vocacional.

A Assembléia anual de 1961 optou por sessões conjuntas de religiosas e religiosos. Foi apresentado o SCAI, Serviço de Cooperação Apostólica Internacional, em Petrópolis, cuja finalidade é adaptar à cultura brasileira os missionários que vêm trabalhar no Brasil. Padre Tiago, secretário-geral da CRB fez nesta reunião dos Superiores uma exposição sobre o Plano de Pastoral de Conjunto dos Bispos do Nordeste e apresentou o "Movimento de Natal" ao qual a CRB pretendia dedicar particular atenção. Lemos no seu relatório: "Lançamos aqui um insistente apelo aos Superiores e Superiores das grandes Províncias religiosas do Sul do país, no sentido de aceitarem fundações nos planos de desenvolvimento do Nordeste, para que não sejam exclusivamente Institutos religiosos, vindos do estrangeiro, que participem na inadiável intensificação do

apostolado da Igreja nesta região que talvez brevemente influenciará determinadamente na estrutura sócio-econômica e religioso-moral do Brasil inteiro. A primeira responsabilidade por esta região está, ao que parece, com os Religiosos e Religiosas do próprio Brasil".

Os integrantes da V Assembléia decidiram transformar as reuniões anuais em trienais sob a alegação de viagens e hospedagens por demais dispendiosas. A Assembléia trienal teria caráter jurídico, passando sua função operacional para "Comissões" a se reunirem uma vez por ano. Sugeriu-se a criação das seguintes Comissões: de Formação e Disciplina, de Pastoral e Vocações, de Educação e Ensino, de Assistência à Saúde e Serviço Social, de Finanças. Na realidade não saíram do papel.

Nesta Assembléia foi feito pelo Secretário Geral um urgente apelo aos Superiores Maiores para liberar religiosos e religiosas destinados aos diversos setores da CRB: "Se com o atual número de Religiosos que trabalham com tempo integral na CRB, não é possível continuar esse ritmo [de atividades], põe-se para os Superiores Maiores o dilema: ou transformar a sua Conferência de uma organização dinâmica e operativa em uma estática e deliberativa, ou ceder maior número de Religiosos. Se não fizerem nem uma nem outra coisa, não poderão fugir à acusação de ter evocado espíritos que não conseguem conjurar".

Dom Hélder Câmara, secretário-geral da CNBB, presente na V Assembléia, lançou a idéia de se criar uma Comissão coordenadora com representantes de ambas as Conferências para facilitar um

maior entrosamento e colaboração entre CNBB e CRB.

É assunto que voltaria constantemente. No Relatório da Conferência (1962-1965) à VII Assembléia (21-7-1965) consta: "Seja qual for a modalidade de entrosamento que se queira adotar, a sua inspiração nunca poderá ser a de auto-defesa, competição, desconfiança, concorrência ou prestígio, mas a de confiança, cooperação e serviço". E no fim dos trabalhos o Secretário Executivo disse: "Quando as circunstâncias o aconselharem ou permitirem e a CNBB o solicitar, recomenda-se a criação de serviços comuns de apostolado - a exemplo do CERIS e do SCAI - com pessoal das duas Conferências e financiados por ambos, para garantir maior entrosamento e para evitar dispersão de pessoal e recursos financeiros, por exemplo eventualmente, centro de documentação pastoral, de orientação vocacional etc."

Um setor que se expandiu muito além do previsto era o dos "serviços materiais" com sua rede de mercadorias "a baixo custo", que abrangia produtos que iam desde vinho de missa até carros importados! (é verdade que o "Serviço de Importação" foi encerrado em 1957). Esta fisionomia empresarial da CRB era sustentada pelo então secretário-geral, o Padre Irineu, com seu conhecido lema: "Na união, todas as vantagens!" e "O dinheiro dos Religiosos para os Religiosos!" Enquanto os Departamentos eram considerados "atividades-fins" da Conferência, os serviços (entre eles a Procuradoria) constituíam "atividades-meio" para sustentar financeiramente os primeiros. Na realidade, a CRB ficou mais conhecida

entre o grande público pela parte de “vendas” e “bons negócios”, incluindo nisso o importante “Serviço de Viagens”, tanto nacionais como, sobretudo, internacionais, aéreas e marítimas, o que provocou constantes tensões no interior da Conferência e no seu relacionamento com outras instâncias, entre elas a CNBB.

As dificuldades com os Bispos, que com desconfiança viam crescer o aspecto empresarial da CRB, seriam em boa parte solucionadas com a eleição, em 1959, de um novo secretário-geral na pessoa do Padre Tiago Cloin, redentorista. Ele perseguiu sistematicamente dois objetivos: garantir um bom entrosamento entre CRB e CNBB e sensibilizar os religiosos de seu papel na Pastoral de Conjunto. Houve a partir deste momento uma guinada na orientação da Conferência. Começou-se a dar prioridade a atividades mais diretamente ligadas à finalidade fundacional da CRB: promover a vitalização da vida religiosa no seio de uma Igreja em processo de renovação.

Paulatinamente consolidou-se entre os religiosos da nossa terra a **dimensão eclesial** de sua vocação, expressa em engajamento pastoral concreto. Assim, em 1962, o próprio Dom Hélder, na qualidade de secretário-geral da CNBB, veio falar na Assembléia da CRB sobre o Plano de Emergência e o que se esperava dos religiosos na sua execução. Um dos frutos da mútua colaboração foi a fundação do CERIS, de que já falamos anteriormente, com a unificação da estatística católica do país inteiro, resultando na publicação do “Anuário Católico do Brasil”, como também do Instituto Pastoral, em São Paulo, iniciativas sustentadas por ambas as Conferên-

cias. Notável foi igualmente a participação de religiosas e religiosos em experiências-piloto de base no Nordeste, destacando-se a de Nísia Floresta onde irmãs assumiram uma paróquia em serviço de suplência pastoral.

O Concílio Vaticano II trouxe também na VR grandes mudanças para as quais muitos religiosos e religiosas não estavam preparadas. Com força emerge a **dimensão missionária** da vida consagrada. No meio do Povo de Deus os religiosos têm uma missão específica que dá sentido à sua consagração. Ao término do Vaticano II, em 1965, os religiosos do Brasil expressam publicamente sua disposição de participar ativamente no Plano Pastoral de Conjunto, aprovado pela CNBB, ainda em Roma. Na Declaração dos Superiores e Superiores reunidos na VII Assembléia Geral (Rio de Janeiro, 21 a 23 de julho de 1965), lemos o seguinte significativo trecho “Em especial manifestam o seu apreço, confiança e satisfação em poder trabalhar em obediência a seus compromissos religiosos dentro do Plano de Pastoral de Conjunto, desenvolvido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de tal forma a colaborar eficientemente na sua realização”.

As inovações que o Concílio Vaticano II trouxe provocaram reações contrárias entre os religiosos. Abriu-se para eles um mundo em boa parte desconhecido até então. O confronto com a realidade, particularmente nos grandes centros urbanos, fez conhecer uma sociedade em processo de secularização com fortes tendências para o subjetivismo. Não poucos consagrados procuraram naqueles anos recuperar “um atraso cultural” em

relação à modernidade, adaptando-se, às vezes sem critérios seguros, ao estilo considerado moderno e "normal" da vida. Muitas Famílias Religiosas tiveram de equacionar-se no que diz respeito ao modo de vestir e de morar. Surgem as "pequenas comunidades" do meio urbano (os "apartamentos") onde se buscam novos relacionamentos e um estilo diferente de exercer a autoridade. A busca frenética de profissionalização por parte de não poucos religiosos (e mais ainda de religiosas) daqueles anos está diretamente associada a este fenômeno.

De outro lado, um contacto mais realista com o mundo da pobreza e da marginalização social faz com que setores significativos de consagradas e consagrados optem por um tipo de vida mais simples, despojado e evangélico com o explícito desejo de solidarizar-se efetivamente com o povo sofrido. Esta vida religiosa "inserida" mostrar-se-á no decorrer dos anos um fator de grande fecundidade para uma autêntica renovação da VR. Na supramencionada Declaração de julho de 1965, os Superiores Maiores já afirmaram sua solidariedade com os menos favorecidos: "Na vivência cotidiana da ação apostólica, abrem [os religiosos] os olhos e o coração de forma especial para todos aqueles que pelas circunstâncias dos tempos ou dos lugares, pelas dificuldades da vida e situações ingratas, se encontram em maior necessidade, pobreza, ou em condições de maior urgência, pretendendo assim dar as suas preferências àquelas do Salvador que veio para evangelizar os pobres e curar os doentes".

As contradições do regime militar,

implantado em 1964, aceleram entre esses religiosos seu compromisso social para com os pobres e excluídos. Podemos falar neste contexto de um verdadeiro "profetismo" que culmina nos religiosos(as)-mártires daquela época.

Por volta de 1970 a CRB é sacudida por uma profunda crise que atinge o cerne de suas estruturas.

Antes da crise propriamente dita houve um incidente que envolveu a Sagrada Congregação para os Religiosos de Roma. Em fins de julho de 1969 chegou furtivamente às mãos da Diretoria Nacional da CRB um Informe do mencionado dicastério romano, Protocolo n. AG 2585/68, datado de 4 de janeiro de 1969 e assinado por D.G. Nardin. A sua autenticidade foi confirmada pelo Núncio Apostólico. Neste documento se verbalizavam graves acusações contra membros da Hierarquia, particularmente a pessoa de Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda-Recife, e contra a direção da CRB. Em nome da Diretoria Nacional o Padre Marcello de Carvalho Azevedo SJ reagiu mediante magistral defesa intitulada "Resposta Oficial da CRB", de 24 de setembro de 1969, endereçada ao Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, Ildebrando Antoniutti. Lemos na carta introdutória do presidente nacional: "A Diretoria Nacional da CRB não poderia deixar de se sentir profundamente contristada e ofendida, ao ser notificada indiretamente e quase por acaso de acusações graves a esta Sagrada Congregação por um número reduzido de pessoas contra a CRB e que, no entanto, parece terem encontrado eco a ponto de sobre elas ser elaborado o presente do-

cumento... É com surpresa e estranheza que tomamos conhecimento deste documento mais de um semestre após sua redação."

Além de atingir pessoas em particular, as acusações contidas no Informe dirigem-se à orientação que a CRB dava à VR no Brasil no período imediatamente pós-conciliar. Sugere-se no documento a separação da única Conferência em dois ramos distintos. O ponto de vista da Diretoria Nacional contido na "Resposta Oficial" é inequívoca: "A CRB tem uma posição unânime, firmada na experiência, de que o melhor modo de se promover uma autêntica renovação e promoção de vida religiosa, é precisamente a integração das religiosas e dos religiosos numa **única Conferência**. Este trabalho integrado numa única CRB, sempre foi bem visto tanto pelos Superiores dos religiosos e das religiosas, quanto pelos senhores Bispos."

A direção da CRB questionou na sua Resposta o teor global do documento acusatório: "Cremos que, após estes esclarecimentos, a Sagrada Congregação se admirará com a CRB de que lhe sejam levadas acusações e denúncias tão desprovidas de rigor informativo. Mais ainda, de que tantas deduções se façam e de tanta gravidade, a partir de afirmações inconsistentes..."

A posição firme e madura da CRB fez o Núncio Apostólico no Brasil, Humberto Mozzoni, reconhecer, em correspondência ao Padre Marcello Azevedo (Protocolo n. 954, de 6-10-1969): "Quanto ao documento, fui incumbido de fazer presente a Vossa Reverendíssima que se trata de um estudo apenas particular, redigido por um funcionário daquele

dicastério, no intuito de oferecer elementos de juízo (sic)." Finalmente, o Cardinal Antoniutti, em carta datada 21-3-1970, comenta: "Esta Sagrada Congregação tomou conhecimento com desgosto da difusão dada ao conhecido documento confidencial e lamenta que um prurido de sensacionalismo tenha prevalecido em desfavor de superiores exigências de prudência e de caridade..."

O caso se encerrou sem maiores conseqüências práticas a não ser um enorme desgaste pessoal dos membros da Diretoria Nacional e particularmente de seu Presidente. Poucos meses depois do episódio da carta acusatória outra turbulência fez balançar a CRB como instituição.

No início de outubro de 1970 manifestam-se sinais de **uma crise de grandes proporções** que se estenderia por sete longos anos. As causas devem ser procuradas na área comercial e administrativa da Conferência, atingindo inclusive seu patrimônio imobiliário e mobiliário. A caótica situação financeira quase levou a CRB à falência. Graças à competência e tenacidade de seu Presidente, Padre Marcello de Carvalho Azevedo SJ e seus imediatos colaboradores na Diretoria, a crise pôde ser resolvida extra-judicialmente. Dizia o Presidente Nacional na sua Alocação por ocasião da abertura da IX Assembléia Geral da CRB (1971): "Em todos estes meses, atravessamos momentos terríveis, de incertezas, de angústia, de perplexidade e desalento em meio a uma humilhação sem nome diante dos bancos, dos fornecedores, das organizações internacionais, de vários organismos da Igreja em Roma e no Brasil e diante

dos próprios Religiosos... E em todo este tempo, mais que procurar *a priori* a recuperação da CRB, o que nos preocupou foi discernir e conhecer a vontade de Deus sobre a Conferência e perscrutá-la na obscuridade e no tumulto do que nós não conseguíamos entender."

A Assembléia Geral Ordinária de 1971 aprovou o procedimento da Diretoria e deu seu aval para uma total reestruturação da Conferência, tendo em vista a retomada de seus objetivos fundacionais específicos: a promoção, animação e coordenação da VR no Brasil. Criou-se um "Fundo de Manutenção" para a programação religiosa da CRB enquanto todas as atividades comerciais ou puramente civis foram encerradas com exceção do serviço da Procuradoria. Na realidade a crise proporcionou providencialmente **um novo nascimento** da Conferência dos Religiosos que doravante pôde concentrar-se inteiramente na sua missão específica. O nome do Padre Marcello Azevedo que, durante três mandatos consecutivos (1968-1979), esteve à frente da CRB (reeleito em 1971 com 96,94% dos votos!), está intimamente ligado ao novo relançamento da nossa Conferência. De fato, a crise foi uma verdadeira catarse que fez a CRB redescobrir sua identidade própria.

Relatando a IX Assembléia Geral o Frei Constâncio Nogara OFM, secretário-executivo da CBR, pôde afirmar: "Houve uma convergência impressionante em alguns valores evangélicos básicos, e em torno deles o testemunho de coesão, de busca, de unidade realmente não comuns." E terminou sua exposição dizendo: "Após a leitura do relatório trienal das atividades da CRB, houve uma exclamação de

admiração. E daí o impacto: tudo isto está agora ameaçado pela destruição, se não solucionarmos a crise financeira. Foi o primeiro passo. A quase totalidade se comprometeu materialmente a ajudar a CRB, numa consciência nítida que os valores evangélicos importam mais que os bens terrenos, que estes devem servir àqueles. Sem o testemunho do que a CRB fizera pela vida religiosa, não teria havido a solidariedade que se demonstrou."

As Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979) repercutiram fortemente entre os religiosos da nossa Pátria, questionando-os e abrindo-lhes novas perspectivas. Para acompanhar todo um processo de reflexão sobre os caminhos a serem trilhados e as respostas a serem dadas aos novos apelos provenientes da Igreja e da própria sociedade, a CRB criou uma "Equipe de Reflexão Teológica" que junto com a Revista CONVERGÊNCIA (de 1955 a 1968 circulara a "Revista da CRB") teria uma função altamente significativa na renovação da VR no Brasil e o papel da CRB nela.

A CRB fez que os religiosos e religiosas do Brasil se conhecessem e apreciassem melhor no período pós-conciliar. Dizia o Padre Marcello Azevedo na conclusão de seu relatório das atividades religiosas, apresentado à IX Assembléia Geral da CRB: "Hoje o que notamos entre nós é um voltar-se um para o outro, seja para formação de membros, seja para a renovação dos religiosos de mais idade, seja para a reflexão sobre o sentido teológico da vida religiosa. Tudo isso está gerando um clima eclesial de confraternização, de coresponsabilidade, até hoje desconhecido."

Os anos 70 marcam uma crise na Igreja pós-conciliar que atinge de cheio a Vida Religiosa Consagrada. Sinais evidentes deste período turbulento são de um lado as numerosas saídas e, de outro, as poucas entradas nos Institutos. No fundo, trata-se de uma **crise de identidade** que se sintetiza na seguinte interrogação: "Quem somos nós, religiosos, na Igreja e na sociedade, hoje?" Nesses anos muitos sinais externos da consagração desaparecem ou perdem seu sentido. Paulatinamente o invólucro sacral da VR é colocado em questionamento e os consagrados buscam uma vida mais em sintonia com o comum dos homens. A questão que se impunha ia diretamente às raízes do ser-religioso. Cresce a convicção de a VR ser chamada a manifestar mais claramente – através de seu próprio ser – o Absoluto de Deus numa perspectiva escatológica, mas igualmente ser convocada a exercer sua missão profética na realidade brasileira, marcada por profunda dissimetria social. No contexto crítico dos "anos de chumbo" que caracterizam o endurecimento do regime militar, a CRB levou adiante uma fundamentada reflexão sobre a presença dos religiosos neste mundo de exclusão e exploração. Inevitavelmente surgia a pergunta: de que lado nós, consagrados, nos encontramos? Que interesses defendemos?

A partir de Medellín são conhecidos melhor os mecanismos que geram sistematicamente a pobreza e marginalização na América Latina. A publicação da Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi" (1975) incentivou os religiosos a assumirem uma evangelização li-

bertadora com concreto deslocamento em direção às áreas mais necessitadas da sociedade. Aumenta o número de religiosos e religiosas inseridos(as) na dura realidade do povo. A evangélica opção preferencial pelos pobres se traduz em iniciativas pioneiras de grande eficácia apostólica. A III Conferência Episcopal Latino-americana, em Puebla (1979) dará respaldo a este processo e o incentiva. A CRB tanto na sua expressão nacional como nas diversas regionais acompanha os novos rumos e oferece subsídios oportunos de estudo. Merecem destaque neste contexto as diversas modalidades de formação intercongregacional, o CETESP (Centro de Estudos Teológicos e Espiritualidade), o CERNE (Centro de Renovação Espiritual) e o PROFOCO (Programa de Formação para Contemplativas).

Ao longo dos anos os religiosos, reunidos na CRB, se conscientizam mais claramente que o Vaticano II não trouxe apenas adaptações e reformas externas mas atingiu os fundamentos da própria Vida Consagrada, convocando os religiosos a uma nova consciência histórica, incluindo a revisão corajosa de suas estruturas. Mais tarde falar-se-á da necessidade de uma verdadeira *refundação* da VR. Os religiosos percebem com maior nitidez que não é tanto a pertença a um Instituto que os caracteriza enquanto consagrados, mas um modo de ser cristão inteiramente voltado para a missão de Jesus Cristo e o projeto de seu Reino.

Os anos que seguem a Puebla consolidam os passos dados mas igualmente revelam contradições presentes na caminhada e tentativas de determinados setores da VR de voltar para trás.

4. Um futuro aberto, caminho de esperança...

O período pós-conciliar obrigou a VR a redefinir sua auto-compreensão no interior da Igreja e da sociedade. Urge uma permanente escuta do Espírito e um discernimento lúcido dos caminhos e opções a serem tomados. A CRB sempre procurou estar junto às Famílias Religiosas nesta difícil mas também fascinante aventura de fé. Ela mostrou-se quase sempre “à frente de seu tempo” e mais do que simplesmente reproduzir velhos esquemas, tanto a nível de organização quanto de métodos e atividades, conseguiu mostrar, desde seus começos, uma fisionomia original e marcadamente brasileira da VR em nossas terras. Não se apresentou como uma instituição que passa por cima da vida concreta, do cotidiano daqueles e daquelas a quem se dedica e subsidia. Pelo contrário, seu modelo de organização – regionais e núcleos – sempre procurou viabilizar o contacto com as bases, as pequenas comunidades, de modo que os seus programas, projetos e serviços serem muito mais respostas a realidades vividas do que planos teóricos elaborados por especialistas.

A CRB foi e continua sendo um instrumento providencial de animação e coordenação da Vida Consagrada. Busca acertar o passo com a História e tornar-se presença evangelicamente significativa no cenário eclesial e social do Brasil.

Celebrando o **Jubileu de Ouro** da nossa Conferência queremos evocar as dimensões de testemunho, profecia e esperança inerentes à VR, fazendo “novas todas as coisas” em Cristo Jesus, presença de Deus no meio da Humanidade, inteiramen-

te disponível ao projeto salvífico do Pai. Na força do Espírito queremos renovar nossa opção radical por Jesus Cristo, seguindo-o a partir das intuições evangélicas e carismas específicos de nossas Famílias Religiosas. Apaixonar-se por Jesus Cristo e engajar-se na causa de seu Reino é que dá o derradeiro sentido existencial à nossa consagração. Testemunhar com a própria vida esta opção faz com que nossa existência tenha significado profético e se torne humanamente plenificante. Somos de fato chamados a ser “profetas do Reino” que anunciam a Boa Nova da Vida e denunciam os mecanismos que impedem que ela se torne realidade concreta para os homens e mulheres de nosso tempo. Assim seremos igualmente portadores de Esperança, construtores de uma sociedade mais justa e fraterna, mais misericordiosa e solidária, onde os excluídos, pequenos e pobres, terão seu lugar garantido no banquete social.

Temos diante de nós um ousado programa de vida que exige a revisão de muita coisa que obstaculiza uma caminhada mais corajosa e decidida. Somos conscientes de que há ainda numerosos elementos estruturais na VR que a final de contas têm pouco a ver com o Evangelho.

Somos convocados a uma maior coerência de vida com o abandono de discursos grandiloquentes – orais ou escritos – que, no fundo, apenas satisfazem a nós mesmos! Deixar de olhar eternamente o próprio umbigo!

A qualidade de nossa consagração diz respeito, antes de tudo, ao **nosso ser discípulo(a)** e depende menos de títulos acadêmicos ou de profissionalização trabalhista. Na escola de Jesus seremos

eternamente aprendizes. Na vida só o Senhor é nosso "mestre" e "doutor"! O que nos deve ocupar de fato é construir laços de fraternidade solidária, de sermos irmãos e irmãs uns dos outros, aspiração genuinamente evangélica que está na origem da CRB. E tudo isso vivido num estilo de vida que deixa propositalmente de lado toda ostentação de luxo, carreirismo, privilégios, posição social ou financeira. Seremos assim pessoas simples, transparentes, próximas e compassivas, valores profundamente humanizantes, que se externam também no modo de nos relacionar, vestir, locomover e morar. Trata-se de opções pessoais e comunitárias que a sociedade bem-pensante questionará (e com isso podemos, humildemente, alegrar-nos).

Com Jesus andaremos na contramão o que não é uma posição cômoda, exigindo de nós destemor e teimosia evangélicos. A VR do futuro será menos instalada e não terá grande seguridade social. Projetar-se-á como busca persistente de **vida cristiforme**, radicalmente marcada pela contradição da cruz que, paradoxalmente, conduzirá à esperança certa da Ressurreição, vida nova em abundância para todos na perspectiva da definitividade da comunhão trinitária, quando Deus será tudo em todos e nossos mais ousados sonhos terão sua realização numa **vida plena**.

Bibliografia básica consultada:

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, 1-8-1955 ao v. XIII, n. 146-147, ago.-set. 1967. Depois da mudança de nome: CONVERGÊNCIA, Rio de Janeiro, v. XIII, n. 148-149, out.-set. 1967 até v. XXXVIII, n. 364, jul.-ago. 2003.

ANTOÑANA CME, G. Martinez. Congresso Internacional de Religiosos. REB, Petrópolis, v. 11, n.2, p. 326-331, jun. 1951.

SOUSA SDB, Padre Ireneu Leopoldino de. Congresso dos Religiosos do Brasil. REB, Petrópolis, v. 14, n. 2, p. 385-391, jun. 1954.

FREITAS FI, Irmã Maria Carmelita de. Os Religiosos nos últimos 20 anos. Elementos para uma história da Conferência dos Religiosos do Brasil. CONVERGÊNCIA, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 194, p. 353-367, jul.-ago. 1986 e n. 195, p. 421-441, set. 1986.

"Aspectos Alarmantes da Vida Religiosa no Brasil e "Resposta Oficial da CRB". SEDOC, Petrópolis, v. 2, n. 11, p. 1385-1412, maio 1970.

AZEVEDO SJ, Padre Marcello de Carvalho. Relatório Trienal da Diretoria Nacional da CRB. REB, Petrópolis, v. 31. n. 123, p. 712-729, set. 1971.

BOLZAN SDS, Irmã Maris. CRB, 50 anos a caminho. Testemunho, Profecia, Esperança. CONVERGÊNCIA, v. XXXVIII, n. 364, p. 334-338, jul. 2003.

Endereço do autor:
Rua Anchieta, 646 - Padre Eustáquio
30720-370 Belo Horizonte - MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Na sua comunidade há interesse pela celebração do **JUBILEU** da CRB? Por quê?
- 2- Você conhece o itinerário histórico da Vida Religiosa do Brasil nesses últimos cinquenta anos? Como você avalia essa caminhada?
- 3- Que aspectos da gênese e do processo histórico da CRB chamaram mais a sua atenção?

Experiência Significativa: Salesianos (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e Leigos(as) Negros na Inspetoria São João Bosco (ISJB) – Brasil

PE. JURANDYR AZEVEDO ARAUJO, SDB

1. Introdução

A caminhada dos SDB, FMA e Leigos(as) Negros(as), na INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO, é hoje uma experiência singular na vida da Congregação Salesiana. Primeiramente por se tratar de uma experiência nova. É a primeira Inspetoria a ousar reunir os seus congregados negros e solidários para refletir, estudar, partilhar, solidarizar e a buscar encarnar o seu carisma na cultura do povo negro. Uma segunda consideração diz respeito ao carisma e missão. Este processo experimental de busca, leva-nos à possibilidade de enxergar um outro lado do ser salesiano(a), enquanto atualiza o carisma e energiza a missão. Uma terceira pontuação propõe aos afro-descendentes um novo caminho robusto, em um estado de parceria com todas as articulações do povo negro, em dois eixos. Primeiro anima a Vida Religiosa incentivando outras congregações a percorrer o mesmo caminho. Segundo anima toda a comunidade negra a despertar-se para o compromisso de se articular: buscar uma conscientização do que é ser negro(a), para desenvolver ações no âmbito de sua atuação.

Relatamos esta experiência porque a

consideramos de vital importância na atual fase de busca e de construção empreendidas pelas Comunidades Afro-descendentes.

Crescem novas experiências com o objetivo de reverter os grandes problemas históricos por elas enfrentados. Precisamos unir forças. Não temos dúvidas: consciente ou inconscientemente este é o caminho que trará, mais rapidamente, as vitórias que almejamos.

2. Uma nova sensibilidade: a cidadania dialogal

2.1. *Evangelização e Comunidade Negra*

O ritmo e a vitalidade pastoral da Igreja Latino-Americana em geral estão marcados pelos grandes acontecimentos eclesiais do Vaticano II, de Medellín, de Puebla que constituem seu ponto de referência. Ademais, nesta última década, são especialmente significativas as contribuições e as orientações de Puebla.

A partir de Medellín, no panorama pastoral latino-americano, emerge gradual e sempre mais claramente, mesmo entre dificuldades e atrasos, o que po-

deríamos definir como especificamente da América Latina: uma especial atenção pastoral aos grupos indígenas e afro-americanos. A preocupação por esses grupos tem sido uma caminhada lenta, e amadureceu na tomada de consciência de que suas culturas são culturas específicas e que os parâmetros pastorais ocidentais não estão adaptados às exigências pastorais requeridas por elas.

2.1.1. Situações Missionárias na América Latina

Por causa da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, o Departamento de Missões do CELAM, em conjunto com as Comissões de Missão das 22 Conferências Episcopais da América Latina, preparou um estudo no qual, com base no desenvolvimento e na maturidade de conceito de "Situações missionárias" na América Latina, se define a necessidade de uma especial atenção pastoral aos grupos culturais indígenas e afro-americanos, ("Panorama Missionário da América Latina", em Visão Pastoral da América Latina, Livro Auxiliar 4, CELAM 1978). Esse documento que deveria ser básico para a evangelização dos grupos culturais latino-americanos não ocidentais, tem passado despercebido e é desconhecido por grandes setores eclesiais latino-americanos; além do mais, oferece uma clara visão, do problema da "Missão Ad-Gentes Ad-Intra" e sublinha a urgência de uma atenção específica, sobretudo, nas culturas indígenas e afro-americanas.

Este documento merece ser retomado e completado com as diversas atividades realizadas ao longo desta última década

no campo dos afro-americanos pelas Igrejas Latino-Americanas (Buenaventura 1980, Cartagena 1980, Esmeraldas-Ecuador 1983, Portobelo-Panamá 1986, Porto Limon- Costa Rica 1989).

2.1.2. Os Afro-americanos

O documento de Puebla fala nove vezes dos afro-americanos (8, 34, 265, 307, 365, 410, 415, 441, 451, e 711) e quase sempre estes estão associados com os indígenas.

Quem é o afro-americano? "O afro-americano é um grupo humano, étnico, "gente de cor" cuja identidade se estabelece com referência aos dois pólos: suas raízes africanas e sua inserção na realidade de nosso continente... Talvez o mais inquietante da situação cultural desta população é nosso desconhecimento dela" (Panorama Missionário, p. 285). Aqui vem sublinhada uma primeira urgência pastoral. "O que não sabemos é a proporção dos que optam por uma afirmação de uma identidade sócio-religiosa através de símbolos de origem africana... Podemos suspeitar a existência de certa tendência à afirmação de raízes afro-americanas, o que parece coincidir com uma marginalização sócio-econômica e uma atenção evangelizadora nula ou mínima (Panorama Missionário p. 287).

Em particular os afro-americanos se caracterizam por sua marginalização histórica e pelo esquecimento prolongado por parte da Igreja.

Hoje em dia estamos presenciando um fenômeno significativo: os indígenas e os Afro-americanos, com repercussões em nível nacional e regional, estão se ori-

entando para um reencontro com a própria identidade e a própria cultura. É um movimento pela afirmação de sua própria identidade cultural. Este fenômeno constitui o marco obrigatório para a ação pastoral com estes grupos étnicos e apresenta um desafio que acentua a urgência de oferecer respostas pastorais adequadas e específicas.

2.1.2.1. INCULTURAÇÃO: Contribuições da Comunidade Negra Latino-Americana

Na América Latina, mesmo que predomine oficialmente um padrão cultural ocidental, estabelecido a partir da colonização, não existe um só povo e uma só cultura. Nos países latino-americanos existe uma rica variedade de culturas ligadas aos diversos povos que aí convivem.

Nesta pluralidade cultural se destacam as culturas dos povos indígenas e negros. Através deles, a América Latina, compreendendo o Caribe, é herdeira de forma de vida e de interpretações da realidade, na qual pesem marginalizações, muito contribui e tem a contribuir para a solidariedade entre os homens e o conagraçamento universal.

Nos últimos tempos, verifica-se um incremento notável, qualificativo da consciência de uma identidade negro-latino-americana. Por todo o continente a comunidade negra mostra sinais de vitalidade. Há manifestações e iniciativas não somente recreativas e folclóricas, mas especialmente de caráter associativo, tanto no campo cultural, quanto no social e religioso.

Em alguns países latino-americanos

a incidência da cultura negra é mais esporádica devido certamente a um menor contingente populacional negro. Mesmo nesses casos, é uma realidade que, pela sua significação histórica e as condições atuais de vida do povo negro, não deve ser minimizada.

Em muitos outros países a presença cultural do negro é notável, e o é ainda mais naqueles países onde a população negra atinge grandes proporções, como por exemplo, no Brasil, Haiti, Panamá e outros.

A Igreja, por sua vocação e ministério, não pode deixar de estar presente nesse processo de tomada de consciência e de organização.

Para que a Igreja chegue a ser uma reunião de povos, diferentes, mas unidos e harmônicos, é preciso assumir e intensificar um diálogo profundo, sincero e respeitoso entre Evangelho e Cultura, visando preservar a legítima identidade dos diversos povos.

O reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens e mulheres profundamente ligados/as a uma determinada cultura, e a edificação do Reino não pode deixar de servir-se de elementos das culturas humanas (EN 20).

2.1.3. O horizonte da Congregação Salesiana: juntos no espírito e na missão para o serviço aos jovens.

A caminhada da Congregação Salesiana desde o CGE 20 até o CG 24, no contexto do mundo e da Igreja, acompanha os sinais de esperança e de um novo caminho de abertura eclesiológica: o processo de inculturação do carisma.

"A inculturação é sentida como urgente em todos os lugares".(Atos do Conselho Geral, nº 362, Carta do Reitor-Mor, nº 5 p. 21).

O CG 24, fala que: "na origem da história Salesiana encontramos o amor de predileção de Dom Bosco pela juventude pobre e a atenção às classes populares. Animado pela caridade do Bom Pastor, ele convoca em torno de si um grande número de pessoas, para que a nova condição juvenil, tal como se lhe apresenta aos olhos na cidade de Turim, pede uma resposta imediata e nova.

O carisma salesiano, suscitado na Igreja para o mundo, deve encarnar-se nas diversas situações culturais para exprimir suas potencialidades de serviço aos jovens e às classes populares. No encontro com as várias culturas pode demonstrar vitalidade e adquirir características novas e enriquecedoras."

E ainda, "o progressivo empobrecimento que acontece no mundo, a difusão da cultura pós-moderna e o reconhecimento das culturas emergentes, confrontados com a mensagem de Jesus e com a reflexão do Concílio Vaticano II, levaram a Igreja a fazer uma opção pastoral de qualidade: a Nova Evangelização. Ela se caracteriza pelo anúncio de Jesus Cristo, pela promoção humana e pela inculturação do evangelho, na perspectiva da opção em favor dos pobres e dos jovens" (Documento Capitular, capítulo 1º, nºs 3, 6 e 16, p. 23, 25 e 32).

A partir deste novo espírito e estilo, a Evangelização inculturada - que exige novo ardor, novos métodos e novas expressões, iniciados na Inspetoria São João Bosco, que compreende os Estados

de MG, DF, GO, ES e RJ, empreendem buscar um novo paradigma, o respeito às culturas, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, o ser e o assumir a identidade de SDB e FMA afro-descendentes.

A nossa experiência deseja ser uma contribuição nesta etapa significativa de renovação: com este rosto inculturado, a Congregação Salesiana avança rumo ao Terceiro Milênio.

3. Objetivos da Caminhada Inspetorial

Caminhar e contribuir com a Igreja na sua opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, elementos presentes nos documentos da Igreja e ratificado em nossas Constituições.

Inculturar-se na realidade do povo negro procurando compreender e acolher seus valores para encarnar a mensagem evangélica (Cf. Constituições Salesianas art. 57).

Buscar um novo jeito de ser salesiano e leigo tendo em vista o horizonte do povo negro.

Compreender melhor a cultura do povo negro.

Ser elemento de integração na família Salesiana.

Promover a auto-estima dos salesianos e leigos negros(as).

Ler, redimensionar e discutir para fermentar o carisma e a missão na ótica do povo negro.

Apresentar caminho interativo de como ser salesiano hoje na realidade pluricultural e pluriétnica.

Despertar toda Inspetoria e Congregação para a realidade do povo negro.

Articular-se através de uma coordenação

nação, que seja articuladora da realidade de negritude na Inspeção.

Sensibilizar outros salesianos(as) e leigos(as) a experimentar e vivenciar este processo de inculturação, a entrar de cheio neste processo de inculturação.

Apoiar as iniciativas das diversas obras e sistemas para trabalhar a questão da negritude.

3.1. Descrição da Experiência

Desde a gestação do primeiro encontro, em dezembro de 1993, até o último encontro realizado 30 de outubro e 1-2 de novembro de 1997, a tônica foi a mesma: como ser SDB, FMA, Leigo(a) comprometidos(as) com a causa do povo negro e vivenciando a experiência do ser negro(a)?

PRIMEIRO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 15 a 16 de dezembro de 1993

Tema: Salesianos em busca de identidade.

Assessor: Frei David dos Santos, Ofm

No primeiro encontro convidamos todos os Salesianos negros e solidários com a causa da negritude da ISJB. No entanto nem todos os Salesianos negros e solidários compareceram. Eram oito (08) SDB presentes. Para alguns não havia necessidade de discutir tal assunto. Para outros mexer na ferida do racismo era acirrar mais o racismo. Outros ainda afirmavam que o encontro era racismo ao contrário. E tantas outras afirmações vulneráveis ditas. O fato, é que, a partir do primeiro encontro, produzimos o segundo encontro.

Ainda no primeiro encontro faço uma ressalva especial da presença do Padre

Alfredo Carrara de Melo, Inspetor naquela época. A sua presença fortaleceu a idéia de que o mesmo não era sonho para se sonhar só, mas um sonho para se sonhar com todos os Salesianos. O acreditar do Padre Carrara no potencial do encontro, lançou em toda Inspeção e em toda a Congregação a semente da possibilidade de inculturar-se o carisma e missão Salesiana.

SEGUNDO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 14,15 a 16 de dezembro de 1994

Tema: Ser Salesiano Negro

Assessor: Frei David dos Santos, Ofm

No segundo encontro sentimos a necessidade de convidar os(as) Salesianos(as) negros(as) de outras Inspeções, para que também tomassem o seu lugar no trem da história. Apenas algumas FMA da Inspeção Madre Mazzarello compareceram. Eram oito(08) SDB e duas (02) FMA presentes.

TERCEIRO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 31 de outubro, 01 e 02 de novembro de 1995

Tema: Aspectos Psicológicos do Povo Negro, resgatando a auto-estima.

Assessora: Conceição Correia das Chagas.

No terceiro encontro vimos que era significativa a presença dos(as) Leigos(as) negros(as) em nossas obras e, por conseguinte, os(as) mesmos(as) não poderiam ficar de fora desse processo. Foram 36 participantes. Outra novidade foi a presença de SDB das Inspeções de São Paulo e Mato Grosso. Foi diante desta necessidade que convidamos para os encontros seguintes os(as) Leigos(as). A presença dos(as) Leigos(as) nos encontros veio en-

riquecer a experiência de ser negro(a). A partir deste momento são convidados para este encontro: todos os salesianos negros e solidários com a causa da negritude de todo Brasil a participar, bem como todas as Salesianas negras e solidárias com a causa da negritude, como também os(as) leigos(as) que trabalham em nossas obras.

Hoje o grande passo dado na caminhada foram a interação e integração da experiência de ser negro(a) em todos os sistemas da ISJB.

Nos encontros, a tônica central é a busca do inculturar-se à realidade Salesiana na cultura do povo negro, procurando promover e resgatar a cultura desse povo negro.

QUARTO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 01 a 03 de novembro de 1996

Tema: Liturgia e Inculturação

Assessor: Pe. Dário Ferreira da Silva, SDB

No quarto encontro constatamos que a caminhada está crescendo. Continuando algo inovador para todas as Inspetorias: neste encontro o número de participantes cresceu para quarenta e quatro (44) com a participação das FMA de São Paulo, SDB do Recife (Noviços e Leigos), SDB do Mato Grosso e mais Noviços e Aspirantes da nossa Inspetoria.

Como era necessário, iniciamos a partir deste encontro, uma Comissão, eleita pelos(as) participantes, composta de SDB, FMA e Leigos(as) da ISJB.

Dois (02) SDB da Inspetoria participam dos Encontros de Pastoral Latino-Americano (EPA) e começam a fazer uma ponte maior: a caminhada da Igreja latino-americana. Isto vai influenciar também na escolha dos temas para os

futuros encontros; por exemplo, o tema do quinto encontro será: "Jesus Cristo, libertador do Povo Negro" ou Cristologia Afro-americana.

QUINTO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 31 de outubro, 01 e 02 de Novembro de 1997

Tema: Cristologia Afro-Americana

Assessor: Pe. Jurandyr Azevedo Araújo, SDB

No quinto encontro, tendo como fundamento o documento de Santo Domingo, número 178, procuramos descobrir nos rostos sofredores dos negros, o rosto do Senhor. Sob a luz da opção preferencial pelos pobres, no exemplo de Jesus nos inspiramos para uma ação evangelizadora. Com o CG 24 continuamos a caminhada conjunta com os(as) Leigos(as) buscando a valorização da própria cultura e, como educadores, a valorização da vida, respeitando a individualidade, a diversidade étnico-cultural. Continuamos com a presença de SDB, FMA e Leigos(as) das Inspetorias de São Paulo, Mato Grosso e Recife. Neste encontro éramos 65 participantes. O espaço de participação continua aberto, pois, participou do encontro uma Irmã Sacramentina.

SEXTO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 31 de outubro a 03 de novembro de 1998

Tema: Seis (06) anos de Caminhada, e agora?

Assessores: os membros da Comissão de Articulação

No sexto encontro a novidade foi ampliar a conscientização e a participação das Paróquias, Oratórios, Colégi-

os, Casas de Formação e demais Obras para criar espaços de trabalho sobre a negritude. Isto significa a presença e aceitação dos diversos Sistemas que compõe a ISJB. Refletimos um subsídio elaborado pela Comissão Inspetorial sobre os seis(06) anos de caminhada. O Pe. Sebastião Teixeira da Silva, elaborou um texto "Dez Encontros", para ser um instrumento de trabalho com os grupos de base e para uma pastoral em contexto salesiano.

Foi positivo o encontro para uma leitura do carisma e da missão Salesiana na ótica do povo negro, buscando um novo jeito de ser salesiano(a), tendo em vista este horizonte, para ser elemento de integração na Família Salesiana.

Eram mais de oitenta (80) participantes. A novidade foram as presenças de representantes das Paróquias e Colégios. As Inspetorias das FMA e dos SDB de São Paulo e Recife continuam juntos na caminhada. Temos participantes que iniciaram a caminhada neste ano e outros(as) com seis (06) anos de caminhada.

SÉTIMO ENCONTRO

Local: Cachoeira do Campo (MG)

Data: 30 de outubro a 02 de novembro de 1999.

Tema: Diálogo inter-religioso.

Lema: "Rumo ao Novo Milênio - Diálogo inter-religioso"

Assessor: Pe. Dário Ferreira da Silva. sdb

No sétimo encontro foi muito sentido a morte recente do Pe. Sebastião da Silva, Pe. Tião. Além de um painel com o seu rosto, a oração de abertura e a missa conclusiva foram em sua memória. O Antônio Carlos Ferreira Gabriel, o Rumba, fez uma bela poesia em sua

homenagem, intitulada "Chão Bastião".

Outro fato bem lembrado e celebrado foi o Seminário Salesiano de Pastoral em Contexto Afro-americano, realizado em Belo Horizonte de 30 de março a 04 de abril do corrente ano. Foi o primeiro em nível mundial e a ISJB realizou, por primeiro, a experiência de inculturação do carisma salesiano. Foi um Seminário com participantes das FMA, SDB e Leigos(as) das Américas.

O tema desse Sétimo Encontro foi bem participado e a partir de três textos elaborados pelo Assessor sobre "Diálogo inter-religioso", ele ajudou na reflexão sobre as atitudes de espanto por parte de cristãos quando se fala dos cultos afros, como afirmar a identidade católica num contexto de pluralismo religioso e como concretizar o diálogo ecumênico e inter-religioso entre as religiões.

Houve a reestruturação das Equipes Regionais que ficaram assim definidas:

Região litorânea 1 (RJ) - Pe. Jurandyr Azevedo Araujo, Antônio Carlos Ferreira Gabriel e Edmar da Silva Freitas.

Região litorânea 2 (ES) - Pe. Dário Ferreira da Silva, Marinilce Silva Pereira e Lúcia de Fátima da Silva.

Região Centro (MG) - Ir. Alcides Felício da Silva, Giovanni Jonas de Brito e Joemilson Marques da Silva.

Região Planalto (GO e DF) - Será o quanto antes organizada na Região.

São Paulo - Ir. Maria Silva, Josefa Maria da Silva Felipe e Lúcia de Fátima da Silva.

Foi feito um calendário de atividades para 1999 e 2000. A avaliação positiva é no sentido da formação dos Grupos locais; o clima de descontração e

abertura; a participação de professores/as e educandos do Pensionato Dom Bosco e a interação de membros da Família Salesiana.

É necessário maior atuação das Equipes Regionais.

Eram mais de trinta e três (33) participantes, eram 17 homens e 16 mulheres representantes das Paróquias e Colégios. As Inspetorias das FMA e dos SDB de MG, São Paulo e Recife continuam juntos na caminhada. A maioria continua sendo de leigos(as) -25, de SDB - 08, sendo 04 presbíteros, 02 religiosos leigos e 02 seminaristas e uma FMA. A idade variou de 15 a 72 anos, sendo que os de idade entre 30 e 39 anos era a maioria (11).

OITAVO ENCONTRO

Local: Barbacena (MG)

Data: 02 a 04 de novembro de 2000

Tema: "Comunidades Negras: solidariedade e alternativas"

Lema: "Na ternura e na solidariedade se constrói uma nova sociedade."

Assessor: Pe. Jurandyr Azevedo Araujo, sdb

No oitavo encontro continuou a presença de grupos provenientes de diversas regiões e obras: Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Belo Horizonte, Cachoeira do Campo, Ponte Nova, Barbacena, São José dos Campos. Representantes da Inspetoria do Nordeste (através dos noviços de lá) e os noviços da ISJB.

O tema refletido continua acompanhando a caminhada da pastoral afro-brasileira e latino-americana. Esse tema foi desenvolvido no VIII EPA, realizado em Salvador da Bahia neste ano. Num primeiro momento o plenário foi divi-

dido em 10 oficinas para conversarem sobre os mesmos temas da cartilha do VIII EPA. Cada grupo deveria fazer a leitura do texto correspondente e partilhar as seguintes perguntas:

1. Como se vive a solidariedade ou como ela se manifesta dentro da reflexão mediante o estudo do texto?

2. Obstáculos que temos na comunidade para se viver e articular a solidariedade?

3. Quais propostas, alternativas para este escopo? Que compromissos podemos assumir para que se alcancem os objetivos formulados e assumidos?

Os temas com os respectivos pontos desenvolvidos durante a reflexão da oficina foram: "História e realidade das comunidades afro-americanas"; "As Comunidades Negras diante da Situação Econômica Atual"; "A Situação Política e suas conseqüências para as Comunidades Negras"; "O Aumento das Desigualdades Sociais"; "Solidariedade: Dom de Deus na experiência das Comunidades Negras"; "Solidariedade e Fé nas tradições afros"; "Pluralismo Religioso e Solidariedade"; "A mulher Negra e a Solidariedade Criativa"; "Por Uma Comunidade Negra Ainda Mais Solidária"; "As comunidades Afro-descendentes e o Novo Milênio".

Foi muito positiva a apresentação das experiências da Cabana (Belo Horizonte): Pré-vestibular capoeira, hip-hop, jazz, dança-afro e expressão corporal; Niterói: como trabalhar as crianças nas Obras sociais; o Espírito Santo apresentou o pré-vestibular.

Com relação aos "Traços da Cultura Afro e religiosidade", foi encenado o início da história do Brasil, os índios, a invasão dos

portugueses e o povo negro, arrancados de suas terras, chegando massacrados dentro dos navios negreiros. Os negros trouxeram a dança. A encenação mostrou a miscigenação das raças. A partir da apresentação foi feito um longo debate trazendo questões sobre: sincretismo religioso, dupla pertença, religiões afros (candomblé, macumba).

O grupo vai consolidando a sua organização através da escolha dos representantes. A nova coordenação ficou assim definida: SÃO PAULO: Ir. Maria Silva; MINAS GERAIS: João Bosco; ESPÍRITO SANTO: Devaldo; RIO DE JANEIRO: Valéria; FORMANDOS: Geraldo Adair;

Foi um encontro com a presença de 83 participantes. Confirma-se o programa de formação de lideranças.

NONO ENCONTRO

Local: Barbacena (MG)

Data: 02 a 04 de novembro de 2001.

Tema: Como inculturar o Carisma Salesiano.

Assessor: Pe. Tarcísio Scaramussa, SDB

O **nono encontro**, começou com a análise da realidade do que está sendo uma novidade sempre desejada: os encontros regionais de inculturação do Carisma Salesiano. Em Minas Gerais aconteceu o primeiro com o tema "Educação transformadora - avaliando e questionando posturas na perspectiva da Inculturação Afro". O Assessor Pe. Luiz Roberto, Lazarista, abordou os subtemas: a história na ótica dos oprimidos, cultivar a resistência, o valor e resgate da palavra - cultura milenar.

No Estado do Rio de Janeiro, em Itáperuna ouve o Regional com o estudo dos temas da Cartilha do VIII EPA.

No Espírito Santo, em Vitória, estão igualmente estudando a Cartilha do VIII EPA na ótica da cidadania.

Em São Paulo, os grupos estão participando do primeiro Encontro Regional das Entidades Negras do Estado de São Paulo e trabalhando e preparando uma Celebração Afro-brasileira na cidade de Jaú.

Quanto ao tema, o Pe. Tarcísio Scaramussa, procurou envolver os participantes através de um trabalho: descrição do cenário: onde estamos indo, onde queremos chegar e quais são as forças que nos puxam para frente e para trás?; a fé cristã e Salesiana só existe inculturada, senão é ideologia; quais os valores centrais que mostram que ali estão presentes o Carisma Salesiano?

Os grupos trabalharam os itens acima e no plenário resultou um quadrante onde predominou mais o cenário de conservação em confronto com o de evolução.

Como ponto muito positivo do encontro aconteceram as Oficinas de expressão corporal e dança afro, ambientação e vestes típicas, liturgia, percussão instrumental e as Oficinas temáticas sobre a discriminação racial: aspectos jurídicos, educação e reprodução ideológica, mercado de trabalho, criatividade e o negro na ótica da Bíblia. Todas essas Oficinas responderam positivamente no sentido de que são temas do cotidiano do povo negro e da necessidade de respondermos positivamente às suas demandas.

O encontro considerou o agir como momento importante e houve um trabalho de grupo e de plenário sobre propostas a serem trabalhadas nas Obras, em níveis locais e inspetorial.

Foram 36 participantes e o encontro foi concluído com uma bonita celebração Afro-brasileira.

4. Conclusão

Todos os encontros tiveram a presença marcante e significativa dos Padres Inspectores (Pe. Alfredo Carrara de Melo, de 1993 a 1996 e o atual, Pe. Tarcísio Scaramussa, desde 1997). A participação do Padre Inspetor, durante o encontro, incentivou, animou e colocou em sintonia com toda a Inspeção, mostrando que a causa do negro não é algo isolado. Não é só do negro, mas de todos(as) os SDB, FMA e Leigos(as), bem como, de toda a Comunidade Salesiana. Por isto, refletimos e decidimos mudar o nome desta atividade: de "Encontro dos(as) Salesianos(as) Negros(as) e Leigos(as) e Solidários(as)", para a **INCULTURAÇÃO AFRO-BRASILEIRA DO CARISMA SALESIANO**.

Elaboramos um vídeo, editado pelo Sistema Salesiano de Videocomunicação (SSV), com o título: "NEGROS, REINVENTAM?" Esse vídeo foi feito com o objetivo de ajudar a reflexão nas bases e para ajudar a reflexão dos SDB, FMA e Leigos(as) da América Latina. Muitas outras Congregações e segmentos da sociedade estão interessados e adquirindo o vídeo, porque é aberto, para um trabalho em relação à cultura do Povo Negro.

Essa nossa experiência é um processo amplo e global que envolve pessoas e ao longo da vida. O processo educacional assume a história do povo Negro.

Com os Encontros de Inculturação Afro-Brasileira do Carisma Salesiano inauguramos um novo paradigma, capaz de conceber um novo jeito de ser e

de educar com o SDB, FMA, em conjunto com os(as) Leigos(as): uma nova cultura educacional, capaz de resgatar o patrimônio histórico de cada povo em vista dos nossos destinatários preferenciais. Assim, as diferentes culturas devem ser sublinhadas para que se manifestem o desejo e a necessidade de integrarem-se e acolherem-se. Sendo esses encontros feitos a partir da Cultura Afro-americana, queremos dizer que não somos superiores e nem inferiores, somos apenas diferentes.

Esses encontros estão sendo uma voz profética que, aos poucos, vão atingindo a todos, como educadores, a partir de uma cultura diferente. Temos uma contribuição a dar à nossa Espiritualidade. Não é uma espiritualidade de protesto e nem de contestação, mas da vivência do nosso ministério como Negros(as).

A cada Encontro surgem sementes para inaugurarmos um novo jeito de ser SDB, FMA e Leigo(a) comprometidos com a causa dos mais empobrecidos(as). Trabalhando com os empobrecidos(as) vamos nos deparando com os(as) jovens negros(as). Sem dúvida estamos marcando e semeando uma nova semente, a cada vez que os(as) negros(as) se reúnem para falar de sua realidade concreta.

Nesse trabalho há muita coisa a rever, repensar, discutir, aprofundar, melhorar. Por isso mesmo resolvi escrevê-lo. É uma possibilidade a mais de partilhar preocupações e intuições que carregamos há muito tempo. Espero que essas linhas possam provocar críticas e enriquecimentos de muitos, para continuar no estilo mutirão e progredir na prática da libertação. Com efeito, aqui está

canalizado e reunido o esforço de muitos com os quais partilhei tudo isso – e que, acredito, no esforço de que muitos devem continuar. É necessário também pensar no desafio religioso-cultural e a necessidade de mudança que atingem as estruturas da Igreja, desde o jeito de ser das comunidades e até a revisão séria da participação, corresponsabilidade e comunhão.

No caso da Vida Religiosa, é necessário o questionamento da presença das vocações populares e negras aceitas nas Congregações. Sua presença começa a questionar e manifesta a contradição de uma Vida Religiosa cujas estruturas não ajudam para uma presença no meio popular. O problema não está nas vocações negras que não se “encaixam”. O problema é da Vida Religiosa que teima em carregar estruturas que a tornam inadequada e sem preparo para o conflito e preocupações fundamentais dos(as) oprimidos(as). Os religiosos(as) negros(as) do meio popular, além de toda esta provocação profética, começam a reivindicar o direito à diferença, à identidade negra. Não querem perder o ser negro(a) para serem religiosos(as). Que não é só se assumir, trançar o cabelo ou escolher símbolos significativos da comunidade negra. O enegrecimen-

to da Vida Religiosa e também da Igreja – em certa forma, os(as) leigos(as) – pede um compromisso maior com a causa do negro, na aceitação, por exemplo, de outra maneira de rezar, de decidir, de fazer uma vida comum, segundo a cultura e o jeito de ser do povo negro e de descobrir caminhos a trilhar juntos, no respeito e na comunhão das diferentes linguagens religiosas.

Que o Cristo Jesus nos ensine a inculturar o seu Evangelho. Por Maria que na sua humildade, aceitou que Deus iniciasse em seu seio, seu processo de inculturação e mais tarde ela mesma procurou inculturar-se à realidade de sua prima Isabel, ajudando-a; depois inculturou-se na realidade de Caná da Galiléia e várias outras ocasiões. Portanto, pode nos ensinar a sermos mais eficientes evangelizadores nas diferentes culturas.

VIVA OS DEZ ANOS! ESTAMOS A CAMINHO DA INCULTURAÇÃO DO CARISMA SALESIANO DA ISJB! VAMOS AVALIAR OS RESULTADOS, PROJETAR METAS E CELEBRAR.

AXÉ IRMÃOS(ÃS). HARAMBE!!!

Endereço do autor:
SES, Q. 801 CONJ. B
70401-900 Brasília – DF

QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE

- 1- A descrição desta experiência despertou interesse na sua comunidade? Por quê?
- 2- Quais os questionamentos maiores que a experiência desse grupo suscitou em você e na sua comunidade?



CRB

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Marcos Indicadores

Há uma esperança para o teu futuro!

Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*
por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,
estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)
